

# SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE RIO DAS OSTRAS



PATRÍCIA DEPINÉ E RAYANE DAMES

1ª edição



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

# SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE RIO DAS OSTRAS

1ª edição  
Rio das Ostras, 2023

Patrícia Depiné  
Rayane Dames



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



# SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE RIO DAS OSTRAS

1ª edição

## **Patrícia Depiné**

Arqueóloga, produtora cultural e educadora para Memória e Patrimônio.

## **Rayane Dames**

Arquiteta Urbanista, pesquisadora e artista.

## **Fotografias**

Allexandre Costa

## **Prefácio e Consultoria**

Juber de Decco

## **Apoio**

Ponto de Cultura e Memória Ypuca

Rio das Ostras, 2024

**REALIZAÇÃO:**

Fundação Rio das Ostras de Cultura, Prefeitura de Rio das Ostras,  
Ministério da Cultura e Governo Federal do Brasil, através da Lei  
Paulo Gustavo

**APOIO:**

Ponto de Cultura e Memória Ypuca

**COORDENAÇÃO:**

Patrícia Depiné

**PESQUISA:**

Patrícia Depiné e Rayane Dames

**CONSULTORIA EM ARQUEOLOGIA:**

Juber de Decco

**REVISÃO E PREFÁCIO:**

Rita de Almeida

**FOTOGRAFIA:**

Allexandre Costa

**ILUSTRAÇÃO:**

Rayane Dames

**DESIGN GRÁFICO:**

Rayane Dames

**ÁUDIO-LIVRO:**

Fábio Figueiredo Mesquita

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Depiné, Patrícia

Sítios Arqueológicos de Rio das Ostras [livro  
eletrônico] / Patrícia Depiné, Rayane Dames. --

1. ed. -- Rio das Ostras, RJ : Ed. das Autoras, 2024.  
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-11562-7

1. Arqueologia - Brasil - Rio das Ostras (RJ)
2. Patrimônio cultural - Preservação
3. Patrimônio cultural - Rio das Ostras (RJ)
4. Sítios arqueológicos I. Dames, Rayane. II. Título.

24-226716

CDD-363.690981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Patrimônio cultural : Memória e  
preservação 363.690981

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



# SUMÁRIO

10	PREFÁCIO
14	INTRODUÇÃO
26	CAPÍTULO 1
32	CAPÍTULO 2
34	Os povos dos Sambaquis
65	Horticultores Ceramistas
89	Os Colonizadores Europeus
140	CAPÍTULO 3
146	CAPÍTULO 4
154	NOTAS
156	REFERÊNCIAS

# PREFÁCIO

## **POR UM PASSADO A GARANTIR EXCELÊNCIA NO PORVIR**

Pensar em arqueologia é se colocar à disposição de um tempo longínquo, em lugares não tão distantes, mas que estão sob nossos pés.... partes que não estão à vista e hoje são fortuitamente pisadas por nós. Dizer isso agora é dar a dimensão adequada ao trabalho aqui apresentado, bem como estimar a capacidade dos seres humanos de enxergar além do que está próximo e, mais ainda, de imaginar ter existido lá.

Estima-se que o planeta abrigará 8,2 bilhões de pessoas em meados de 2024. O que isso tem a ver com este livro? Tudo, somos hoje o resultado dessas existências, dessas formas de ser e viver descritas nesta publicação. Por vezes, torna-se difícil conceber esta realidade. Que grande Terra é esta? Ela pode abrigar tantas pessoas, mas será que pode suportar tanta opressão? Em princípio, e com todas as evidências científicas, nosso planeta tem muita vida pela frente. A questão é: seremos capazes de nos adaptar a todas as mudanças que fizemos nele nos últimos séculos?

Nesta perspectiva, este livro é um alerta. Ele é uma contribuição verdadeira, um chamado para a partilha de conhecimento, a fim de multiplicarmos nossa responsabilidade coletiva em relação ao ambiente produzido por nossas atitudes, além de reavaliarmos os valores aplicados a nós mesmos e às pessoas próximas a nós. Essa possibilidade de visitar o que nossos ancestrais vivenciaram nos dá um vislumbre do futuro a ser escrito no agora.

No presente, poder testemunhar os esforços de duas pessoas é uma dádiva. Elas deixam claro para muitos a riqueza desse município em termos de vida pré-histórica. A sabedoria de buscar leveza para o texto e dar solidez ao trabalho de campo também é um presente. E, finalmente, o desejo de fazer algo por uma sociedade infinita, por meio de toque aos jovens, indica que os seres humanos permanecerão neste planeta ainda por muito tempo.

Não acho que seja necessário dar parabéns, mas gostaria de agradecê-las por muitas gerações vindouras de rioostrenses. Tudo poderia ter sido, mas o que deveria ter sido é o que foi. Henry Thoreau nos deixou o seguinte pensamento: Não importa quão limitado o começo possa parecer: o que é feito uma vez, é feito para sempre".É isso: este livro é para sempre, vivido dentro de uma busca difícil, contra muitos interesses adversos - talvez alguns não lhe deem o devido valor. De qualquer forma, nada mais mudará essa bela história de duas profissionais conscientes, dispostas, atuantes e, acima de tudo, humanas. Para elas, ainda virão muitas empreitadas como esta. O mundo merece ter este gosto.

Rita de Almeida

A publicação SITIOS ARQUEOLOGICOS DE RIO DAS OSTRAS, é uma feliz iniciativa da equipe Patrícia Depiné, Rayane Dames e Allexandre Costa, em forma de livro didático, e traz alguns detalhes da vida de nossos antepassados.

Começamos a tomar conhecimento da Arqueologia em Rio das Ostras em 1967 quando professor Ondemar Dias registrou o primeiro sitio arqueológico, e em 1986 eu registrei o segundo, ainda no antigo Distrito de Rio das Ostras, do município de Casimiro de Abreu. O tempo passou, Rio das Ostras foi emancipado e a partir de 1997 foi possível retornar, ao agora município de Rio das Ostras, e desenvolver outros projetos, como a escavação e a montagem do Museu de Sitio Sambaqui da Tarioba, fazer seu registro no IBRAN, como também o registro de Centro Cultural da Casa Doutor Bento e da Estação Ferroviária de Rocha Leão, promover o Seminário comemorativo dos 25 Anos do Projeto Litoral Fluminense, durante a inauguração do Museu de Sitio Sambaqui da Tarioba.

Não paramos por aí, continuamos com projetos de prospecção arqueológica que permitiram o registro de vários sítios pré-históricos e históricos, seminários na semana de museus, exposições, fotografias, vídeos, convenio com universidades, publicações de artigos em livros no Brasil e no exterior. Tivemos o apoio do Instituto Arqueologia Brasileira – IAB, e Instituto Brasileiro de Pesquisas Arqueológicas – IBPA e da Fundação Rio das Ostras de Cultura – FROC.

Agora surgiu oportunidade de outro projeto e parceria com outros pesquisadores, graça ao financiamento vindo da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar 195/2002), através de chamada publica 021/2023 para Fomento de Projetos Culturais da Fundação Rio das Ostras de Cultura, para em conjunto desenvolver uma publicação digital (E-book) que ficara disponível e será distribuída para professores e alunos da rede escolar, municípios e secretarias municipais.

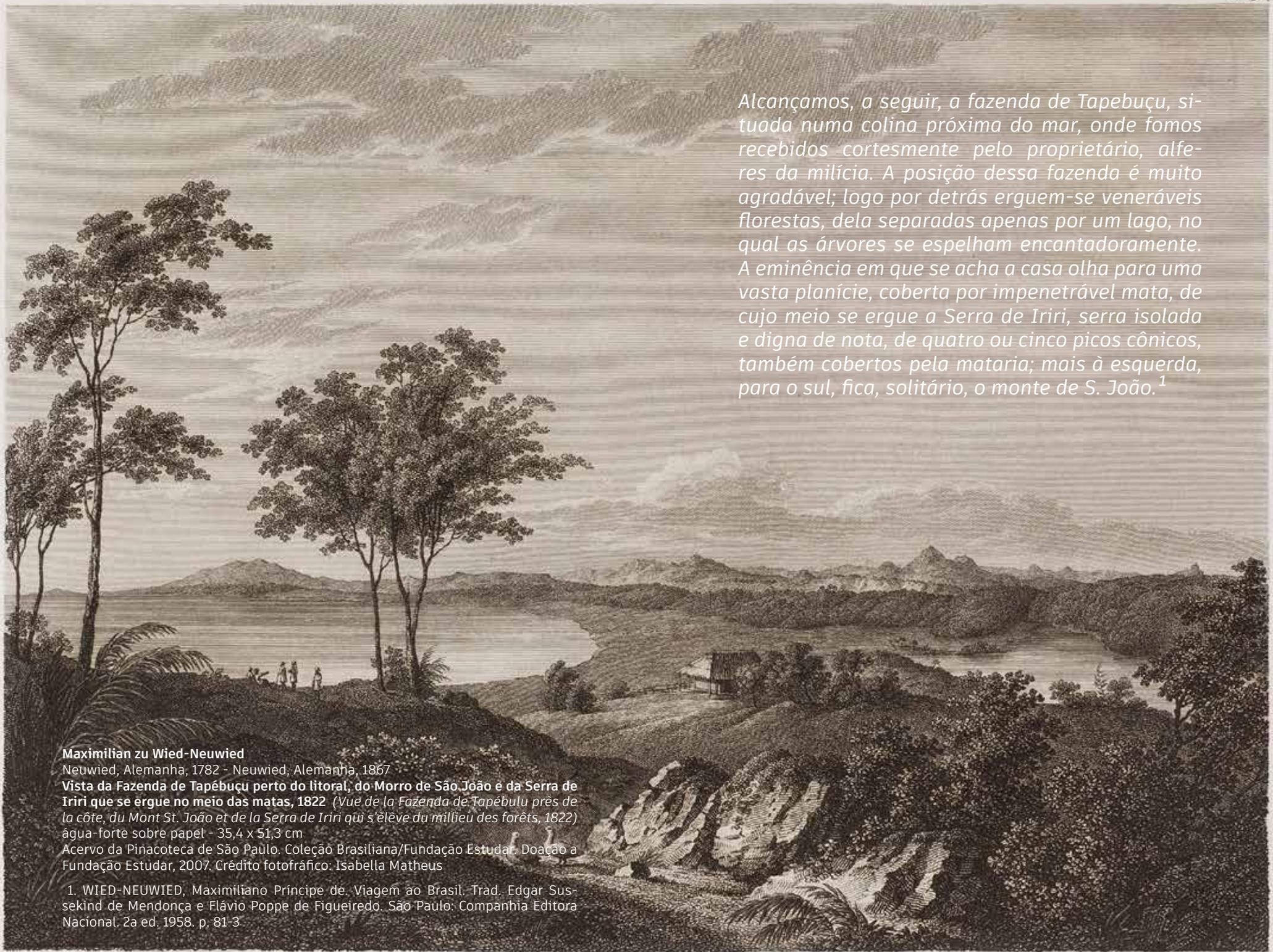
Podemos ressaltar que tudo isso se tornou possível com a chegada dessa brilhante equipe e com patrocínio da lei de incentivo.

Juber de Decco

# INTRODUÇÃO

Dia 17 de Agosto é o dia do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Em comemoração a esta data, lançamos o livro digital “Sítios Arqueológicos de Rio das Ostras”, após um trabalho de campo de 4 dias e da sistematização das informações vindas de pesquisas e registros de cada um dos sítios arqueológicos cadastrados para o município. O livro, escrito pela arqueóloga e educadora para memória e patrimônio Patrícia Depiné e pela arquiteta e designer Rayane Dames, teve a inspiradora consultoria do experiente arqueólogo Juber de Decco e o registro cuidadoso e sensível do fotógrafo Allexandre Costa.

Graças ao financiamento vindo da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar 195/2022), através da Chamada Pública 021/2023 (Fomento à Realização de Projetos Culturais da Fundação Rio das Ostras de Cultura), este material surge como um suporte paradidático a ser distribuído nas escolas das redes municipal e privada de ensino, para servir de apoio à comunidade escolar, principalmente alunos e professores, para que comecem a construir juntos parte essencial do processo de preservação do patrimônio cultural de nossa cidade: a aprendizagem e a formação do pensamento crítico.



Alcançamos, a seguir, a fazenda de Tapebuçu, situada numa colina próxima do mar, onde fomos recebidos cortesmente pelo proprietário, alferes da milícia. A posição dessa fazenda é muito agradável; logo por detrás erguem-se veneráveis florestas, dela separadas apenas por um lago, no qual as árvores se espelham encantadoramente. A eminência em que se acha a casa olha para uma vasta planície, coberta por impenetrável mata, de cujo meio se ergue a Serra de Iriri, serra isolada e digna de nota, de quatro ou cinco picos cônicos, também cobertos pela mataria; mais à esquerda, para o sul, fica, solitário, o monte de S. João.<sup>1</sup>

**Maximilian zu Wied-Neuwied**  
 Neuwied, Alemanha, 1782 - Neuwied, Alemanha, 1867  
**Vista da Fazenda de Tapébuçu perto do litoral, do Morro de São João e da Serra de Iriri que se ergue no meio das matas, 1822** (*Vue de la Fazenda de Tapébulu près de la côte, du Mont St. João et de la Serra de Iriri qui s'élève du milieu des forêts, 1822*)  
 água-forte sobre papel - 35,4 x 51,3 cm  
 Acervo da Pinacoteca de São Paulo. Coleção Brasileira/Fundação Estudar. Doação a Fundação Estudar, 2007. Crédito fotográfico: Isabella Matheus

1. WIED-NEUWIED, Maximiliano Príncipe de. Viagem ao Brasil. Trad. Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2a ed. 1958. p. 81-3

A cultura, segundo Roque de Barros Laraia (2003), é um conceito antropológico, ou seja, do comportamento humano. Ele diz que a cultura “é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos”, e que ao adquirir cultura, o ser humano passou a “depende muito mais do aprendizado do que a agir por impulso”, e é esse processo de aprendizagem que determina seu comportamento e sua capacidade artística e profissional, sua visão de mundo. A cultura nada mais é, portanto, que a acumulação de toda a experiência histórica das gerações anteriores, ou seja, nossa memória coletiva.

Quando o colonizador europeu chegou ao território habitado por nossos povos originários, o que hoje chamamos de Brasil, já carregava um imaginário pré-concebido por suas gerações anteriores, que não levava em conta a cultura ancestral dos povos que já estavam aqui. Muito pelo contrário, a substituiu por sua própria cultura, que era imposta muitas vezes à força.

E aí, quem mal sabe de onde veio, não sabe nem o que preservar, muito menos o porquê. E assim, o patrimônio cultural de nossos ancestrais se desfaz diante dos nossos próprios olhos.

Segundo a Sociedade de Arqueologia Brasileira, a SAB, o Patrimônio Arqueológico brasileiro integra o Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do país. Ele pertence a toda sociedade e “nos possibilita conhecer a história de diferentes povos, em diversos lugares, tempos e formas”. Dentre os sítios arqueológicos, que podem estar em áreas urbanas ou não, encontram-se sítios de arte rupestre, com materiais líticos (artefatos em pedra), cerâmicos ou históricos (mais recentes). Podem ainda ser paisagens modificadas pelo ser humano ao longo do tempo, como sambaquis (vamos falar sobre eles mais pra frente), geoglifos (tipos de desenhos feitos no solo) ou vestígios de casas. Eles podem estar até embaixo d’água!

A cidade de Rio das Ostras, inserida na região das Baixadas Litorâneas, possui 18 sítios arqueológicos cadastrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) e no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG), sistemas de registro vinculados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN.



17

16

12<sup>3</sup>

14

13

10

7

8

5

3

5

11

6

1

4

18

ESC 1:150 000  
Base Google Earth  
SIRGAS 2000 / UTM 24S



<b>Nº</b>	<b>SÍTIO</b>	<b>ÉPOCA</b>	<b>MATERIAL ENCONTRADO</b>	<b>USO ATUAL</b>	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>
1	SAMBAQUI DA TARIOBA	Pré-Colonial	Esqueletos, ponta de flecha, conchas, fossas culinárias, fogueiras	Museu do Sítio	PRESERVADO
2	NOVA FRIBURGO	Pré-Colonial e Histórico	Louças, vidro, cerâmicas vitrificadas e neobrasileira, metal	Rua pavimentada	DESTRUÍDO
3	FAZENDA ITAPEBUSSUS	Pré-Colonial	Lascas, batedor (ferramenta de pedra), malacológico (conchas)	Fazenda particular	INDEFINIDO
4	REMANSO	Pré-Colonial	Cacos de cerâmica	Praia de uso público	DESTRUÍDO
5	MASSANGANA	Pré-Colonial	Lítico (rochas) e malacológico (conchas)	Loteamento	DESTRUÍDO
6	SERRAMAR	Pré-Colonial	Urna funerária	Residência	RESGATADO
7	SALGADO	Pré-Colonial	Tigela e urnas de cerâmica	Extração de terra	PARCIALMENTE DESTRUÍDO
8	CASA ROSA	Histórico	Arquitetura histórica, tijolo, telha, vidro, louça	Fazenda Particular	PRESERVADO
9	PASTO DO CEMITÉRIO	Histórico	Baldrame de pedra e fragmentos de telha, tijolo, vidro, louça	Fazenda Particular	PRESERVADO
10	JAQUEIRA	Histórico	Louça, vidro, telha, tijolo	Cemitério	DESTRUÍDO
11	CASA DE PEDRA	Histórico	Vestígios de construção	Reserva florestal	INDEFINIDO
12	MAR DO NORTE I	Histórico	Materiais de refugio do séc. XIX	Fazenda particular	DESTRUÍDO
13	MAR DO NORTE II	Histórico	Vestígios arqueológicos do séc.XIX	Fazenda particular	DESTRUÍDO
14	MAR DO NORTE III	Histórico	Material cultural do séc.XIX	Fazenda particular	DESTRUÍDO
15	MAR DO NORTE IV	Histórico	Material cultural do séc.XIX	Fazenda particular	DESTRUÍDO
16	SUBESTAÇÃO 500 KV LAGOS	Histórico	Vestígios domésticos (grés, faiança, vidro artesanal)	Subestação de Energia	DESTRUÍDO
17	COQUEIRO	Histórico	Material cerâmico e louças, vestígios de edificações	Indefinido	INDEFINIDO
18	WAKAMA	Histórico	Navio cargueiro naufragaado	Oceano	PRESERVADO

Os sítios presentes em nosso litoral revelam a cultura de nossos ancestrais, desde os povos originários que viveram há milhares de anos nesse território. A datação mais antiga para a Região dos Lagos é de 7.520 anos AP (Antes do Presente, o que por convenção é o ano de 1950), para o Sambaqui de Itaúnas, localizado em Saquarema. Esses sítios costeiros atestam antigas linhas de costa e ajudam na pesquisa das variações do nível do mar e das mudanças climáticas ao longo do tempo. E ainda têm muita história para contar sobre os grupos que os habitaram e que possuíam outra relação com a natureza: eram parte dela.

Essa história está intimamente ligada às comunidades tradicionais presentes em nossa costa, como a dos caiçaras, por exemplo, comunidades de pescadores artesanais que estão desaparecendo aos poucos. Quando essa mudança é percebida, torna-se importante a luta social por direitos e políticas públicas que mantenham a tradição, afinal, a cultura é direito garantido por lei.

Pensando que quase tudo o que aprendemos desde pequenos sobre nossa cultura tem uma visão eurocêntrica de mundo, como fazer para que os povos realmente originários da nossa região ganhem destaque e comecem a ser protagonistas da nossa história? Podemos partir de perguntas como: Os moradores e visitantes de Rio das Ostras sabem o que é um sítio arqueológico? Sabem quantos existem aqui? A qual momento da história eles pertencem? Quantos estão sendo preservados e/ou pesquisados?

Questionamentos como esses nos fazem pensar sobre o futuro de nosso patrimônio cultural e o que podemos fazer para preservá-lo.

**E aí? Vamos conhecer para preservar?**

# CAPÍTULO 1

ALGUNS CONCEITOS  
IMPORTANTES

# LÍNGUAS INDÍGENAS

Atualmente, no Brasil, existem **274 línguas indígenas, faladas pelas 305 etnias conhecidas.** A maioria das línguas são divididas entre os dois grandes troncos linguísticos: o **Macro-Jê** e o **Tupi**. Cada um desses troncos é dividido em famílias linguísticas que apresentam semelhanças entre si. E existem outras línguas que não se encaixam em nenhuma família específica e em nenhum desses troncos principais.<sup>2</sup>

O **Tupi-Guarani**, escrito com hífen, é uma das famílias linguísticas do grande tronco Tupi. Quando os europeus chegaram ao Brasil, uma boa parte dos povos originários que viviam no litoral falavam línguas que pertenciam a este tronco, como, por exemplo, o Guarani e o **Tupinambá**, também chamado de **Tupi da Costa** ou **Tupi Antigo**. Para ajudar a complicar, os tupinambás, indígenas que falavam a língua de mesmo nome, também eram chamados apenas de **tupis**. Era uma designação comum na época dos viajantes e cronistas europeus.<sup>3</sup>

Essa foi a língua escolhida pelos colonizadores como “a base de uma das línguas gerais que existiram no Brasil e que era usada para se comunicar com os indígenas”.<sup>4</sup> Mas o que eles queriam mesmo era acabar com a grande diversidade de línguas faladas por tantos povos distintos, afinal de contas, como iriam conquistá-los sem sequer falar sua língua?

Já o **Tupiguarani**, escrito sem hífen, é o nome dado a uma das Tradições Arqueológicas usadas por alguns pesquisadores para classificar os períodos cronológicos dos vestígios encontrados. Hoje em dia, apesar de muitos ainda usarem as tradições e fases - definidas principalmente pelas características materiais - discute-se se seria a melhor forma de organizar a cultura dos povos originários.

Por fim, os **Goitacás**, que são povos que não deixaram registro escrito de sua língua mas, provavelmente, pertenciam ao tronco Macro-Jê.

## O ÓTIMO CLIMÁTICO

O Ótimo Climático foi um período de equilíbrio no clima da Terra, suficientemente úmido, nem muito quente, nem muito frio, que ocorreu há cerca de 6.000 anos AP. O nível do mar teria subido até atingir níveis próximos aos atuais. Nesse clima favorável à biodiversidade e à vida, foi possível às populações ficarem mais tempo em cada lugar, em vez de viver se deslocando atrás de abrigo e comida. Durante esse período, o clima favoreceu o crescimento de moluscos (mariscos, ostras, tarioba), alimento altamente nutritivo e fácil de ser obtido.<sup>5</sup> As populações tornam-se mais sedentárias e crescem demograficamente.<sup>6</sup>

A ocupação humana das terras onde hoje está Rio das Ostras remonta a épocas muito antigas. Vamos tentar imaginar como seria a região há milhares de anos: localizada em um litoral composto por diferentes ambientes (praias abertas, restingas, baías e enseadas calmas e estuários. Tais ambientes seriam favorecidos ainda mais pelo clima úmido, com antiga cobertura vegetal de Floresta Tropical, pelos inúmeros rios, lagos e mar rico em nutrientes (proporcionado pela ressurgência de Cabo Frio<sup>7</sup>), favorecendo a existência de recursos naturais suficientes para comunidades que dependiam da natureza para sobreviver.<sup>8</sup>

**Alguém conseguiu enxergar a Baía Formosa aí?**

## CAPÍTULO 2

A OCUPAÇÃO DA  
BAIXADA LITORÂNEA

# OS POVOS DOS SAMBAQUIS

Estas populações, também chamadas de sambaquieiras ou sambaquianas, favorecidas por tantos recursos, eram formadas por grupos de **caçadores-coletores-pescadores** pré-históricos, que já dominavam o fogo e utilizavam pedras, ossos e conchas para fabricarem seus utensílios e ferramentas. Ao se organizarem em pequenos grupos para explorar os recursos existentes, “inauguraram a colonização da costa e, desta maneira, não disputaram o seu território com outro grupo social”<sup>9</sup>.

Os locais onde viveram foram chamados pelos tupis (povos que vieram depois) de **sambaquis**,<sup>10</sup> sítios arqueológicos que encontramos até hoje no litoral do Brasil. O acúmulo progressivo do material que restava de suas atividades diárias - conchas de moluscos, ossos de animais (peixes, mamíferos, répteis, aves), frutos, sementes, raízes, tubérculos - serviu de moradia temporária para essas populações.

Elas podiam ocupar o mesmo lugar por meses, anos, séculos e, até mesmo, milênios. Eles também enterravam seus mortos no mesmo local onde viviam, geralmente com a cabeça voltada para o nascente e acompanhados de seus objetos de uso pessoal, como lâminas de machado, colares de conchas e pontas de ossos.

O sambaqui só era abandonado quando os recursos se tornavam escassos, quem sabe até por uma estratégia de sustentabilidade de acordo com as estações. Após o abandono, os ventos e as chuvas depositavam sedimentos por anos ou séculos, até que outras comunidades, com as mesmas características de caça e pesca, reocupassem o lugar, iniciando um novo período de habitação.<sup>11</sup>

Sítios deste tipo são o testemunho arqueológico mais antigo existente para o Estado do Rio de Janeiro, área que vem sendo habitada por povos originários há, pelo menos, 6.726 anos AP, datação obtida para o Sambaqui de Itaúnas, em Saquarema, Região dos Lagos.<sup>12</sup>

**A cidade de Rio das Ostras possui representantes desse período de ocupação:**

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI DA TARIOBA

Datado em 3.620 anos AP,<sup>13</sup> o sambaqui é tombado pelo IPHAN através do Decreto 078/99 e sua escavação serve como museu *in situ*, o primeiro desse tipo no Brasil e visitado por centenas de turistas e moradores todos os anos. Quando foi localizado, em 1967, pelo arqueólogo Ondemar Dias, possuía cerca de 3.600 m<sup>2</sup>. Entretanto, devido ao crescimento da cidade, não passa dos 600 m<sup>2</sup> atualmente.

A parceria entre o Governo Municipal e o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), instituição que realizou as primeiras pesquisas no sítio arqueológico, foi fundamental para que se criasse um museu *in situ*, ou seja, no local onde estava a escavação. A curiosidade dos moradores despertou o interesse em se conservar estruturas, materiais e enterramentos, para que fosse possível a aproximação da população atual com as populações que viveram milhares de anos antes, no mesmo local. Esse tipo de ação é fundamental para que se crie a apropriação do patrimônio cultural e, consequentemente, a sua preservação.

Após a realização de sondagens em 1997, e escavações em 1998, o Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba<sup>14</sup> foi inaugurado no dia 23 de abril de 1999.<sup>15</sup>

**Imagem 1:** Primeira exposição do Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba.

**Imagem 2:** A área de escavação, na primeira configuração do Museu.

Fotos de Juber de Decco, 1999.



1.



2.

O sambaqui da Tarioba é composto por 4 camadas de ocupação construídas sobre uma camada original arenosa, “provavelmente um antigo mangue ou terreno pantanoso”. Na escavação feita em 1998 foram encontrados ossos de pelo menos 17 indivíduos, nove deles em enterramentos organizados, além de ossos fragmentados de mais 8 pessoas, sendo 4 crianças e 4 adultos. É possível que a escolha de enterrar os corpos com a cabeça voltada para noroeste e norte tenha sido intencional, pois era nesta direção que se encontrava o rio Leriipe, atual rio das Ostras, importante fonte de subsistência na época.<sup>16</sup>

Os enterramentos primários (quando os esqueletos são encontrados intactos, em conexão anatômica) evidenciados eram individuais: dois homens, com idade entre 35 e 45 anos, e uma criança entre 0 e 3 meses de idade. Já os dois enterramentos secundários (quando o corpo foi removido e/ou manipulado depois de enterrado) são constituídos de três indivíduos cada: o primeiro com um recém-nascido, uma criança entre 1 e 1,5 anos de idade e um homem entre 25 e 30 anos, e o segundo com um homem de até 25 anos, uma mulher entre 30 e 35 anos e uma criança, que morreu entre 2 e 3 anos de vida.

**Imagem 3:** Camadas de vestígios de diferentes momentos de ocupação do Sambaqui, em exposição no museu. Foto de Allexandre Costa, 2015.

**Imagem 4:** Enterramento primário de um adulto e uma criança, em exposição no museu. Foto de Juber de Decco, 2003.



3.



4.

Era uma prática frequente enterrar os mortos acompanhados de pertences que utilizavam em vida, ou então de peças rituais. No sambaqui da Tarioba foram encontrados seixos - pedaços de rocha arredondados pela ação dos rios - de quartzo, com ou sem marcas de uso, com destaque para os batedores (alguns “quebra-cocos” e outros usados para abrir conchas) e moedores, polidores, seixos manchados de pigmento vermelho (ocre), seixo de gnaissé tipo mó (um seixo arredondado que tinha a função de moer ou esmagar) e uma lâmina de machado polido com dois gumes (um polido e um lascado). Além das peças líticas (de pedra), foi encontrado um conjunto de oito dentes de mamíferos (felinos e primatas) com perfurações nas raízes, identificado como um possível colar, posicionado junto aos crânios e mandíbulas de duas crianças, além de três artefatos ósseos classificados como pontas.<sup>17</sup>

Um estudo da dentição desses indivíduos indicou que tinham uma dieta rica em proteínas e baixo consumo de carboidratos e que seus dentes não serviam apenas para rasgar e mastigar o alimento, mas também tinham uma função artesanal, ou seja, também eram ferramentas de trabalho. Além disso, a configuração de seus ossos demonstra que tinham hábitos como carregar peso sobre a cabeça e ficar de cócoras, posição muito comum entre populações pré-históricas do Brasil.

**Imagem 5:** Camadas de conchas, vestígio tipicamente associado às comunidades sambaquieiras, em exposição no museu.

**Imagem 6:** Crânio de um dos enterramentos encontrados. O estudo da ossada desses indivíduos levou a conclusões sobre hábitos desse povo. Fotos de Allexandre Costa, 2015.



5.



6.

No lote anexo à Casa da Cultura, foram encontrados esqueletos, lanças e conchas. Ao fim dos estudos iniciais, foi constatado que se tratava de uma continuação do sítio Sambaqui da Tarioba e foi denominado Área B. Moradores da região relatam que é comum encontrar vestígios do Sambaqui, principalmente ossadas e conchas, em obras que envolvam movimentação de terra.

O terreno em questão foi desapropriado e aguarda uma oportunidade para que novos estudos sejam realizados, com uma possível incorporação à área do Museu de Sítio.



7.

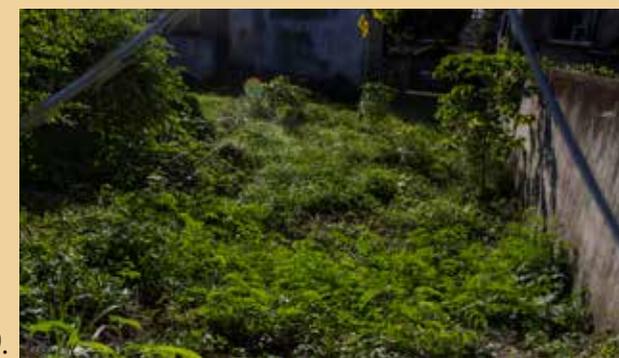
**Imagem 7:** Recorte no terreno feito em uma das escavações de prospecções realizadas no sítio. Foto de Juber de Decco, 2006.

**Imagem 8:** Entrada para o terreno anexo ao Museu de sítio arqueológico Sambaqui da Tarioba. Foto de Patrícia Depiné, 2024.

**Imagem 9:** Situação atual do terreno, que aguarda nova possibilidade de escavações e estudo. Foto de Allexandre Costa, 2024.



8.



9.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI DA TARIOBA

REGISTRO CNSA: RJ00373

COORDENADAS: -41.939444,-22.527778

## Sítio Pré-Colonial

Sítio pré-histórico do tipo Sambaqui identificado, escavado, pesquisado, e transformado em Museu de Sítio Arqueológico.

### Material encontrado:

Esqueletos humanos e animais, conchas, material lítico (rochas e minérios), ocre (um tipo de argila), vestígios de combustão, estacas e buracos de fossas.

### Responsável pelo registro/ano:

Ondemar F Dias / 1967

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Partes de grama e partes pavimentadas

### Uso:

Museu do Sítio Arqueológico

### Propriedade:

Fundação Rio das Ostras de Cultura

### Fatores de destruição:

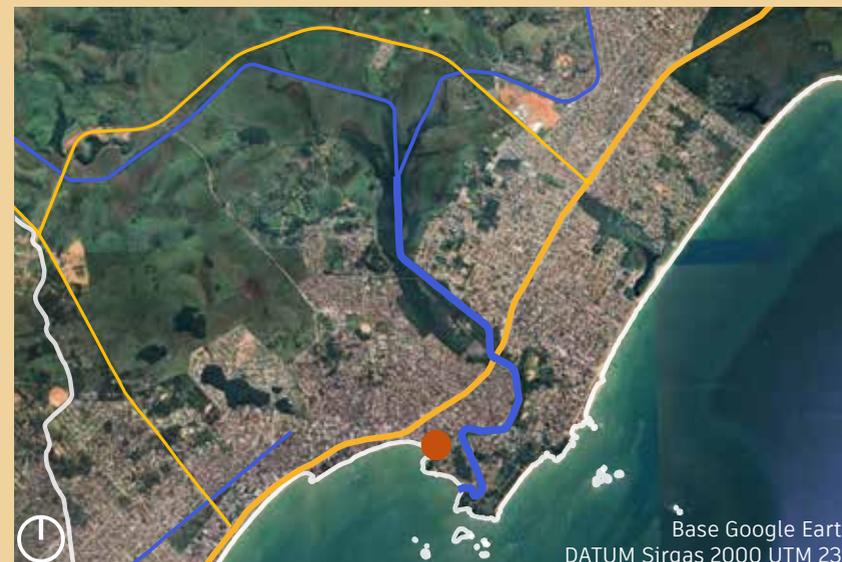
Existência de construção sobre parte do sítio

### Grau de integridade:

25-75% - **PRESERVADO**

### Medidas de proteção:

Transformado em Museu do Sítio

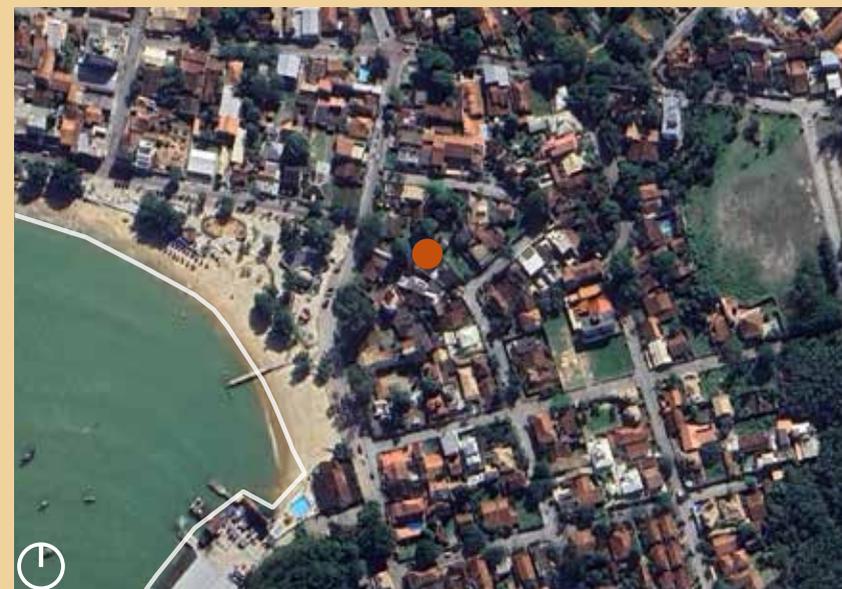


● Localização do Sítio

▭ Limite município

▭ Hidrografia

▭ Vias de acesso



Imagens elaboradas por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO NOVA FRIBURGO

Em 2003, durante as obras de pavimentação da rua Nova Friburgo, que empresta o nome ao sítio, foram encontrados alguns vestígios arqueológicos e, no mês de maio, procedeu-se ao salvamento de materiais como louças, vidro, cerâmicas vitrificadas e neobrasileira, metal (colher e espora). Assim como os vestígios encontrados na rua em frente à Casa de Cultura, os encontrados atrás da Casa, na rua Nova Friburgo, podem ser considerados área de dispersão do Sambaqui da Tarioba.

O arqueólogo Juber de Decco comentou que, apesar de ser considerado um sítio arqueológico do tipo sambaqui, foi cadastrado erroneamente como tal, pois a comunicação feita na época foi de uma ocorrência arqueológica (quando são encontrados vestígios fora de contexto) e, não, de sítio arqueológico.

**Imagem 10:** Salvamento feito no sítio Nova Friburgo, feitos durante obra de pavimentação da rua de mesmo nome.

**Imagem 11:** Salvamento feito no sítio Nova Friburgo, feitos durante obra de pavimentação da rua de mesmo nome. Fotod de Juber de Decco, 2003.



10.



11.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO NOVA FRIBURGO

**REGISTRO:** RJ00948

**COORDENADAS:** -41.99973,-22.465285

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Pré-Colonial e Histórico

Ocorrência arqueológica na área de dispersão do sítio Sambaqui da Tarioba, e achados históricos encontrados no contexto das obras de pavimentação da Rua Nova Friburgo.

### Material encontrado:

Louças, vidro, cerâmicas vitrificadas e neobrasileira, metal (colher e espora).

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

### SITUAÇÃO ATUAL:

#### Vegetação:

Nenhuma

#### Uso:

Rua pública

#### Propriedade:

Bem público

#### Fatores de destruição:

Pavimentação da rua

#### Grau de integridade:

25-75% - **PARCIALMENTE PRESERVADO**

#### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro da ocorrência



● Localização do Sítio esc: 1:100.000  
□ Limite município □ Hidrografia □ Vias de acesso



Imagens elaboradas por Rayane Dames esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI FAZENDA ITAPEBUSSUS

Em uma exuberante área de grande interesse arqueológico, com lagoas, rio, mar e colinas configurando a paisagem, dá pra imaginar que quem se deparasse com a região de Itapebussus gostaria de permanecer por ali por algum tempo. Ainda hoje essa é uma paisagem relativamente preservada, com potencial para guardar muitas informações sobre as populações que a habitaram em outros tempos.

Durante uma passagem pela cidade em 2002, os arqueólogos Juber Brandão e Denise Chamum fizeram uma visita de prospecção à Fazenda Itapebussus, encontrando e cadastrando um sambaqui próximo à praia. No alto da colina ao lado do sítio, uma outra construção grandiosa, frequentada pela atriz francesa Brigitte Bardot, ícone dos anos 1950 e 1960, resiste como ruína. Na subida para a casa os arqueólogos coletaram fragmentos de cerâmica. Nessa época, o acesso à área era bastante restrito, situação que vem se transformando de maneira acelerada com o avanço da especulação imobiliária na região.

**Imagem 12:** A paisagem de Itapebussus vista da estrada onde foi encontrado e coletado material cerâmico. Foto de Juber de Decco, 2002.

**Imagem 13:** Uma das lagoas presentes na área, de grande diversidade e importância ecológica. Foto de Allexandre Costa, 2024.



12.



13.

**Imagem 14:** Piso remanescente de construção que havia junto à Praia da Fazenda. Foto de Alexandre Costa, 2024.

**Imagem 15:** Construção colonial que havia junto à Praia da Fazenda, ainda conservada. Foto de Alexandre Costa, 2010.



14.

**Imagem 16:** Esqueleto da 'Casa de Vidro' situado na colina da praia. Foto de Alexandre Costa, 2024.

**Imagem 17:** A deslumbrante 'Casa de Vidro' conservada e coberta de Heras. Foto de Juber de Decco, 2002.



16.



15.



17.

Este sítio é representante de diferentes épocas de ocupação. Como comentamos anteriormente, era comum que grupos ocupassem um lugar antes habitado por outros. Em 1630, jesuítas e indígenas da aldeia de Cabo Frio solicitaram à Coroa portuguesa a doação de terras. Essas sesmarias iam de Macaé até “Itapebuçu” ou ao rio “Reriu” - rio das Ostras. As terras foram concedidas e demarcadas com duas pitombas - árvore frutífera do norte fluminense - e dois marcos de pedra com o símbolo da Companhia de Jesus, um na ponta de Itapebussus, outro na beira do rio Leriipe. Entretanto, a sesmaria nunca chegou a ser de fato ocupada. Mais recentemente, a Fazenda tinha um casarão colonial, localizado próximo à Praia da Fazenda, que atualmente só pode ser identificado pelo piso que restou da construção.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA ITAPEBUSSUS

REGISTRO CNSA: RJ00922

COORDENADAS: -41.88389,-22.48639

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Pré-Colonial

Sítio pré-histórico, localizado em 1999, situado sobre pedras, próximo à praia, entre o mar e a lagoa, em região potencialmente habitada por uma grande população sambaqueira. Também há vestígios de ocupação histórica na mesma propriedade.

### Material encontrado:

Lascas de pedras, batedor (ferramenta de pedra), malacológico (conchas).

### Responsável pelo registro / ano:

Ondemar Dias / 2003

### SITUAÇÃO ATUAL:

#### Vegetação:

Variada

#### Uso:

Fazenda

#### Propriedade:

Particular

#### Fatores de destruição:

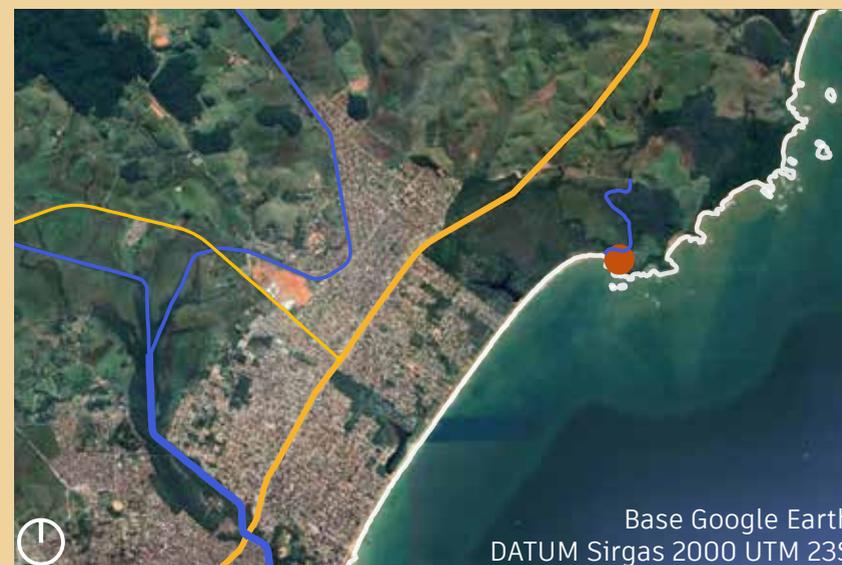
Demolição de construções históricas, exploração turística

#### Grau de integridade:

Não pôde ser observado - **POSSIVELMENTE PRESERVADO**

#### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do Sítio



● Localização do Sítio  
▭ Limite município    ▭ Hidrografia    ▭ Vias de acesso



Imagens elaboradas por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO REMANSO

O Sítio Remanso, o segundo sítio arqueológico registrado na cidade (em 1986), corresponde a uma área hoje ocupada pelo primeiro quiosque da praia de Costazul, próximo à Tocolândia. Durante a prospecção, foi coletado material cerâmico em superfície. Um dos arqueólogos responsáveis pela descoberta, Juber de Decco, conta que visitava o local à tarde, na hora da chuva, para que as peças cerâmicas se destacassem na areia.

Além do registro, nada foi feito para que o sítio fosse preservado. Inclusive, a retirada da vegetação de dunas para abertura de estrada e urbanização da orla provocou a erosão de parte da Praia do Remanso, hoje contida com “muro de gabião”.<sup>18</sup>

O arqueólogo conta também que não houve um acompanhamento arqueológico durante a construção do quiosque, que cobre boa parte da área. Com a intensa circulação de pessoas na praia - uma das mais frequentadas da cidade - é pouco provável que ainda se encontre por lá algo que tenha pertencido a nossos antepassados.

**Imagem 18:** A área do sítio com o quiosque construído, e parte da faixa de areia ocupada por mesas e guarda-sol. Ao fundo da imagem, a rua com pequenos prédios construídos.

**Imagem 19:** Um trecho do quiosque frequentado, a vegetação de restinga remanescente, e o mar ao fundo, com banhistas, durante um final de semana.

Fotos de Allexandre Costa, 2024.



18.



19.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO REMANSO

REGISTRO CNSA: RJ00498

COORDENADAS: -41.883889,-22.486389

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Pré-Colonial

Sítio cerâmico localizado na areia da praia do Remanso, próximo à linha d'água da maré cheia. Identificado em 1989, e já destruído pelo processo de urbanização.

### Material encontrado:

Cacos de cerâmica

### Responsável pelo registro / ano:

Rosana P. Najjar / 1997

### SITUAÇÃO ATUAL:

#### Vegetação:

Restinga em baixa densidade

#### Uso:

Praia de uso público

#### Propriedade:

Público - União

#### Fatores de destruição:

Existência de construção sobre parte do sítio, uso intenso.

#### Grau de integridade:

<25% - **DESTRUÍDO**

#### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio



Localização do Sítio esc: 1:100.000

Limite município Hidrografia Vias de acesso



Imagens elaboradas por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO MASSANGANA

Localizado na área que mais cresce atualmente na cidade, ao lado do recém-inaugurado shopping, este é um sítio que está sendo destruído em tempo real, enquanto escrevemos este livro. O sítio foi encontrado, identificado com um sambaqui e cadastrado durante visita de Juber de Decco e Denise Chamum, em 2003.<sup>19</sup>

Em nosso segundo dia de visitas de campo, estivemos no local enquanto tratores limpavam o solo do terreno, para dar lugar a um novo loteamento. A entrada da Fazenda Atlântica, onde ficava o sambaqui, já não existe mais, assim como o caminho de acesso ao ponto exato onde o sítio foi registrado. A paisagem está sendo completamente transformada.

Encontramos fragmentos de quartzo, que poderiam indicar vestígios de ferramentas líticas, mas como o solo estava completamente alterado, não podemos afirmar. Na época do registro do sítio, já havia bastante alteração no solo, pela retirada de areia usada na construção civil, mas foram encontradas conchas e fragmentos de rochas, ainda que fora de contexto.

**Imagem 20:** A região do sítio durante a visita de campo deste projeto, com tratores retirando camada de solo para loteamento da área. Ao fundo vemos uma serra ainda preservada.

**Imagem 21:** Fragmentos de quartzo encontrados no local.

Fotos de Allexandre Costa, 2024.



20.



21.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO MASSANGANA

REGISTRO CNSA: RJ00921

COORDENADAS: -41.939453,-22.500557

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Pré-Colonial

Localizado na Fazenda Atlântica, em área de antigo manguezal, identificado em 2002 como sítio pré-histórico tipo sambaqui. Já destruído na ocasião do registro, devido à retirada de areia para comercialização.

### Material encontrado:

Lítico (rochas) e malacológico (conchas)

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Loteamento em curso

### Uso:

Em obras de loteamento

### Propriedade:

Área Privada

### Fatores de destruição:

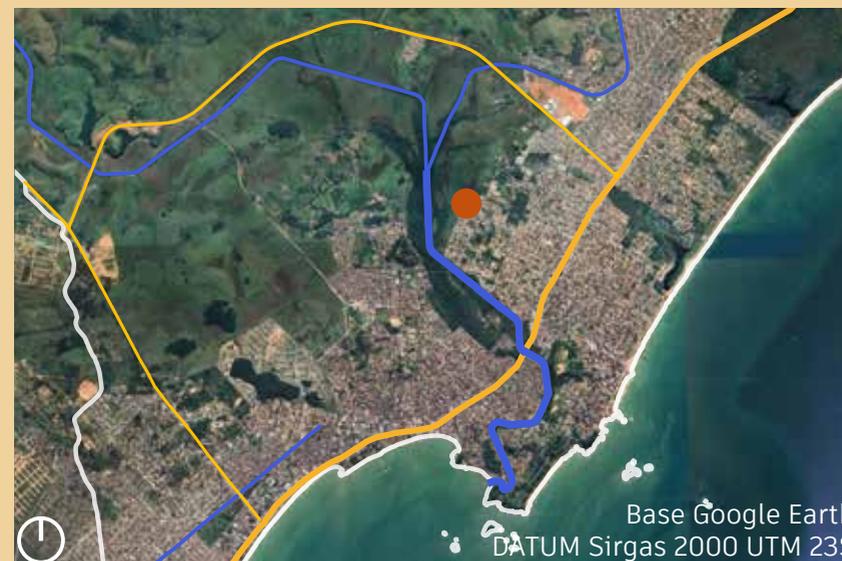
Avanço urbano - área sendo loteada para ocupação

### Grau de integridade:

<25% - **DESTRUÍDO**

### Medidas de proteção:

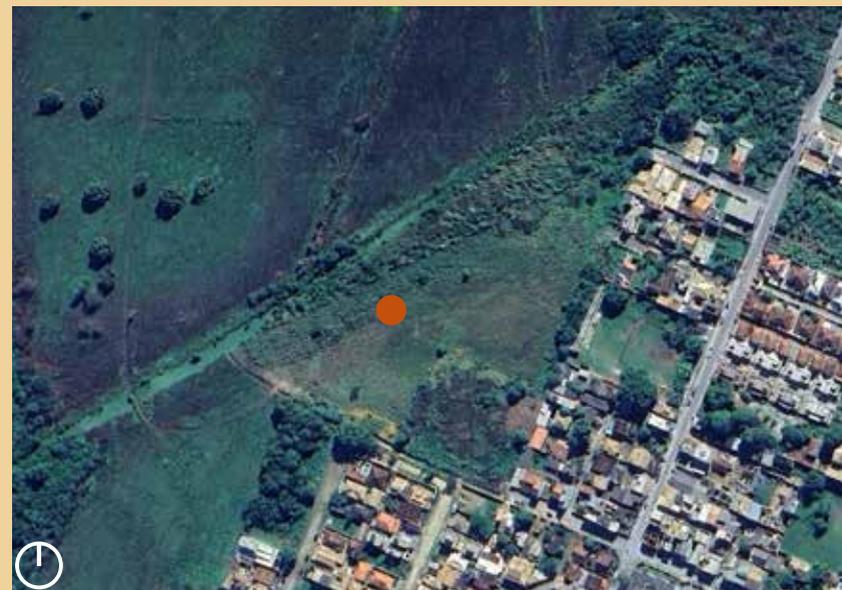
Nenhuma além do registro do sítio



esc: 1:100.000

● Localização do Sítio

▭ Limite município ▭ Hidrografia ▭ Vias de acesso



esc: 1:5.000

Imagens elaboradas por Rayane Dames

Enquanto os sambaquieiros ainda ocupavam nosso litoral, teriam chegado outros povos que com eles conviveram: seriam grupos dos grandes troncos linguísticos Macro-Jê e Tupi, cuja origem teria sido na Amazônia Brasileira, há mais de 4 mil anos.<sup>20</sup> Nesse período, começou a ocorrer uma mudança de costumes nas populações caçadoras-coletoras, que passaram a se tornar mais sedentárias e a domesticar animais e plantas, tornando-se **horticultoras**. Aparece, então, a **cerâmica**, material fundamental para preparar e estocar alimentos.

Se antes utilizavam instrumentos feitos de pedras, conchas e ossos, agora passam a usar panelas de cerâmica, facas de pedra e moedores, além de urnas funerárias feitas através da queima da mistura de barro, areia e plantas. Essa ebulição cultural fez com que a sociedade na época experimentasse uma explosão demográfica. Há cerca de 4.000 anos AP, com grandes aldeias surgindo na Amazônia, os grupos sentiram a necessidade de ocupar novos espaços,<sup>21</sup> partindo em direção ao Brasil Central e ao Pantanal. Expandindo-se pela América do Sul, alcançaram as terras da Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru e Uruguai.

HORTICULTORES  
CERAMISTAS

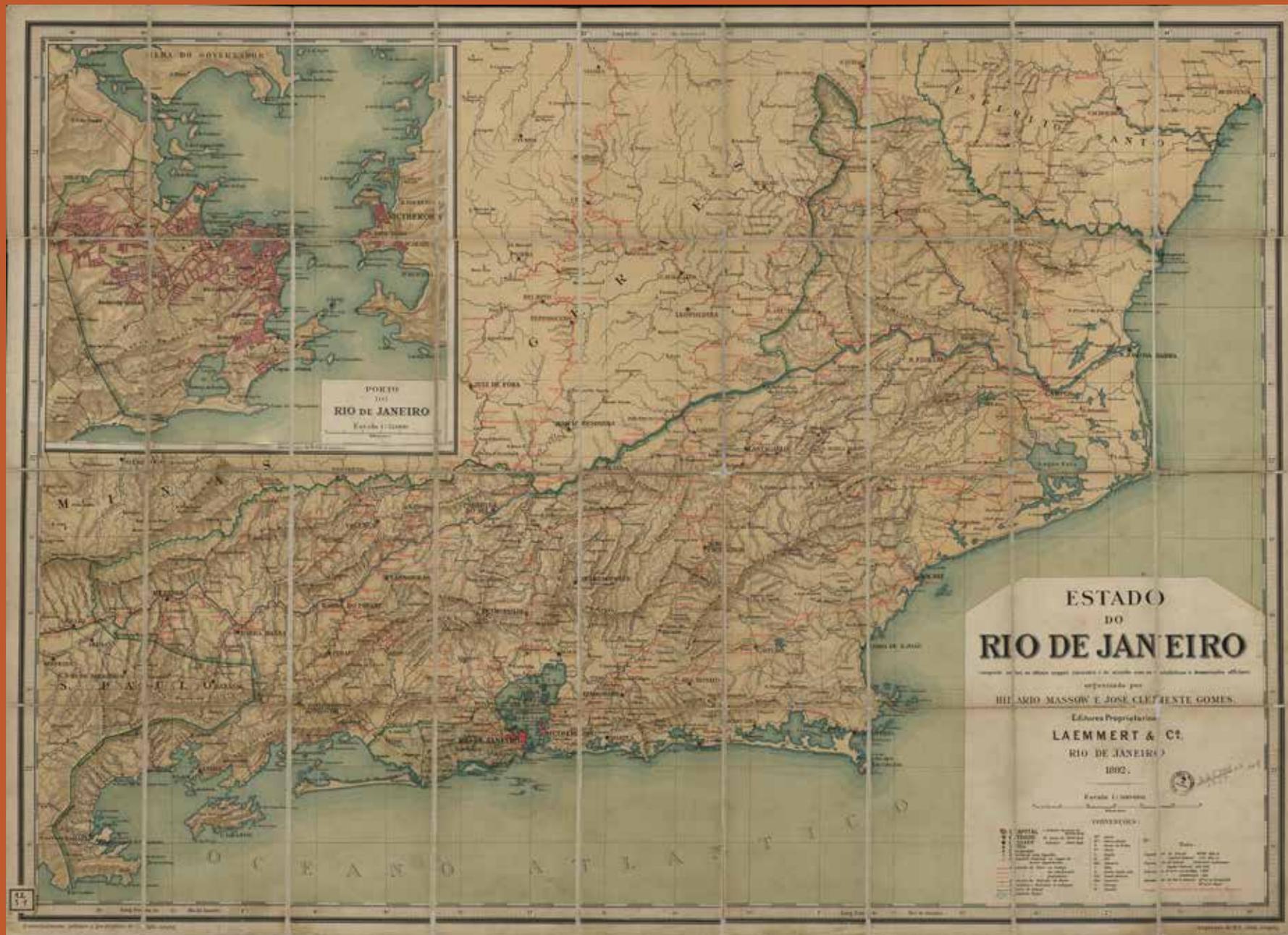
# A TRADIÇÃO UNA

Há cerca de 3.550 anos AP, aparece pela primeira vez a cerâmica fora da Amazônia, em uma escavação na Gruta do Gentio, Estado de Minas Gerais, juntamente com material lítico (lascado, polido e picoteado), adornos, material têxtil e vegetal, dando início ao que os arqueólogos chamaram de **Tradição Una**.<sup>22</sup> Os povos originários vinculados à essa tradição têm sido relacionados a grupos do tronco linguístico Macro-Jê.<sup>23</sup>

Acredita-se que os povos que detinham essa tecnologia de fazer cerâmica tenham chegado à região das Baixadas Litorâneas, pois aqui é encontrado material muito semelhante. A teoria mais aceita é a de que, partindo do noroeste para o sul de Minas Gerais e seguindo o curso dos rios São Francisco, Negro e Grande, chegaram ao norte de São Paulo. De lá, seguindo o curso do rio Paraíba do Sul<sup>24</sup> teriam alcançado a Serra do Mar, já no estado do Rio de Janeiro.

Lá chegando, teriam descido sua vertente Atlântica, começando a colonizar as Baixadas Litorâneas, indo tanto para o norte, em direção à região de Campos dos Goytacazes (a cerca de 1.450 AP) como para o sul, onde, através dos rios Una e São João, chegaram na Região dos Lagos.

São encontrados sítios arqueológicos nas margens e regiões adjacentes desses rios, muito próximos da cidade de Rio das Ostras, datadas de 1.050 a 750 AP. Nesse ponto da costa, partem rumo norte, em direção à serra do Espírito Santo e, por fim, para o seu litoral, o que acontece por volta de 1.000 AP.<sup>25</sup>



**Mapa** com os rios e caminhos utilizados por diferentes povos para migrarem até a região das Baixadas Litorânea.

MASSOW, Hilário. **Estado do Rio de Janeiro: composto sobre os ultimos mappas existentes e de acordo com as estatísticas e demarcações officias.** Rio de Janeiro, RJ: Laemmert, (Leipzig : Est. Art. e Geogr. de C. Opitz), 1892. 1 mapa, col, 68 x 95. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart225708/cart225708.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart225708/cart225708.jpg). Acesso em: 13 fev. 2023.

Ocupando ora grutas - quando nas serras, ora sítios abertos, os grupos da Tradição Una confeccionavam uma cerâmica pequena, tecnologicamente bem feita, de cor escura (devido à queima sem contato com o oxigênio) e com fibras vegetais (“cariapé”) em sua composição. Seus sepultamentos apresentam grande variação, indicando Fases Arqueológicas<sup>26</sup> diferentes, inclusive com a prática da cremação. Em Campos dos Goytacazes, por exemplo, mulheres e crianças foram encontradas em enterramentos secundários, em urnas, com riquíssimo acompanhamento, e os homens em enterramentos primários, em covas, na maioria das vezes com os corpos totalmente envolvidos por cacos de cerâmica, como se fosse um “invólucro”.<sup>27</sup>

Como também é encontrada nos níveis mais recentes (superiores) de ocupação de alguns sambaquis da Região dos Lagos, pode-se supor que os representantes da Tradição Una do litoral tinham o hábito de re-ocuparem os sambaquis, quem sabe até incorporando sua tecnologia a esses povos durante um possível contato.<sup>28</sup>

Ao que tudo indica, esses grupos caçavam, pescavam, coletavam moluscos, frutas e ovos, além de cultivarem algumas plantas como milho, feijão, amendoim, batata doce, vagem, cará, taiova, abóbora, melão, melancia, abacaxi, pepino, urucum e, quando mais próximos da costa, mandioca. Com o cuitê fabricavam vasilhas. Parece que esta dieta é confirmada pela presença de poucas cáries e grande desgaste do esmalte dos dentes encontrados nas escavações, situação muito parecida com a da maioria dos sambaquis.

## OS GOITACÁS

Relatos de cronistas e informações etnográficas atuais sugerem que os grupos da Tradição cerâmica Una têm relação com grupos falantes do tronco linguístico Macro-Jê, pois parecem reunir vestígios culturais dos povos Goitacá, Coroado, Coropó e Puri,<sup>29</sup> sendo os **goitacás** os grupos que teriam chegado primeiro, pois há registros de sua presença em pleno território sambaquieiro do litoral fluminense há mais de 1.000 anos,<sup>30</sup> nele permanecendo até a época da chegada dos europeus.<sup>31</sup>

Guerreiros robustos e altos, hábeis no manejo do arco e flecha, velozes corredores e exímios nadadores. Seus diferentes grupos lutavam entre si, mas quando havia algum inimigo em comum (como portugueses e tupis), formavam confederações, das quais homens e mulheres participavam. De pele mais clara, cabelos compridos descendo pelas costas e raspados na parte da frente da cabeça, não formavam aldeias como os tupis, viviam em cabanas de palha e basicamente da caça, pesca e coleta, como seus antepassados. Pouco plantavam e, quando o faziam, era milho e tubérculos, mas não cultivavam a mandioca, como os tupinambás. Enterravam seus mortos em igaçabas (urnas) lisas, ovoides e cinzentas, sem ornamentos.<sup>32</sup>

## OS PURIS

Já os **puris** têm sua origem ainda indefinida, apesar de provavelmente terem a mesma origem em comum com goitacás, coroados e coropós, a julgar pelas semelhanças físicas, culturais e linguísticas. Alguns dizem que são descendentes de grupos tupinambás (Tradição Tupiguarani), outros que descendem dos goitacás (Tradição Una), hipótese mais aceita. Outros ainda revelam que teriam se originado do contato entre esses dois grupos originários.<sup>33</sup>

Na Serra Fluminense, essa tradição parece estar associada aos grupos chamados pelos cronistas de “puris-coroados”.<sup>34</sup>

O que se sabe é que os puris eram indígenas que também se deslocavam muito; o período que ocupavam um determinado local variava de acordo com as condições de caça, coleta, plantio do milho, mandioca e feijão, e de conflitos com outros grupos inimigos. Portanto, era muito importante que o local onde habitavam fosse bastante protegido e de fácil defesa. Dados arqueológicos apontam para ocupações de abrigos rochosos para diferentes usos, mas principalmente como centros cerimoniais fúnebres, onde enterravam seus mortos em urnas cerâmicas, e como acampamentos de caça, longe das aldeias principais.<sup>35</sup>

Os puris dormiam em bacias cavadas no chão, protegidos por duas forquilhas fincadas no chão e cobertas com folhas de sapé. Essas choças eram chamadas “coari” na língua puri. Por vezes eram forradas com folhas de helicônia ou patioba. Por vezes usavam redes de dormir. E para armazenar água e alimentos usavam cuias feitas de cuité.

# A TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Uma outra família linguística, do grande tronco Tupi - também surgido na Amazônia, de onde teria saído também a mais de 4.000 anos AP, ainda sem a horticultura<sup>36</sup> - teria migrado para o sul do continente, onde existem datações de 1.475 AP. Conhecida como **Tradição Tupiguarani**, parece ter realizado, a partir do sul, diversas migrações litorâneas, onde foram se estabelecendo, rumo norte. Pesquisas indicam que os grupos dessa tradição teriam começado a ocupar a Região dos Lagos - já dominada pelos goitacás<sup>37</sup> - alguns séculos antes da chegada dos europeus.<sup>38</sup>

Esses povos, os **tupinambás** - ou apenas **tupis** - eram típicos da Floresta Tropical. Aparentemente, suas aldeias, auto-suficientes, eram construídas no interior, do nível do mar até 400 m de altitude (dificilmente em grutas), enquanto os acampamentos de coleta e pesca sazonal ficavam no litoral. As aldeias quase sempre estavam próximas a córregos ou canais de água doce, quando não de um rio principal navegável.<sup>39</sup>

Esses indígenas fabricavam uma cerâmica não tão boa tecnologicamente, mas muito decorada. Conhecida como policroma, por ser em vermelho e preto sobre fundo engobado branco, é encontrada em todo o litoral brasileiro. Os padrões de decoração variam de acordo com a região, e podem ter decoração plástica pintada, corrugada, escovada e unguilada.<sup>40</sup> Quanto à forma, predominam vasos e tigelas.<sup>41</sup> Em várias aldeias desse período na Região dos Lagos foram encontrados enterramentos feitos dentro de urnas cerâmicas.<sup>42</sup>

Uma decoração corrugada é feita quando os roletes de barro são colocados uns sobre os outros e depois unidos por pressão, na peça ainda úmida. A escovada era feita passando um material com pontas múltiplas, como gravetos ou palha de milho, por exemplo, na superfície ainda úmida do vasilhame, para deixar sulcos bem visíveis. Já a unguilada era feita com incisões feitas com as unhas.

Diferentemente dos goitacás, sua economia era baseada na agricultura de subsistência, principalmente da mandioca - com a qual fabricavam a bebida para a festa do cauim<sup>43</sup> -, através da técnica da coivara, que consistia na queimada seguida da roça. Uma das características mais marcantes dos tupis são os rituais antropofágicos, feitos por vingança ou por influência xamânica. Bebida alcoólica produzida a partir da fermentação da mandioca.<sup>44</sup>

Como já visto, muitos sambaquis do litoral, principalmente os da região das Baixadas Litorâneas, foram reocupados - com certa frequência, por tupinambás e goitacás que aqui chegaram através de diferentes rotas migratórias. Essas três culturas - sambaquieiras, goitacás e tupinambás - são as únicas reconhecidas como colonizadoras da atual Região dos Lagos (RJ), atestando, inclusive, um possível contato entre o final de uma e o início das outras.<sup>45</sup>

Como ambas as tradições permaneceram até o contato com os conquistadores europeus, acabaram por receber sua influência cultural, muitas vezes à força. Este choque

aculturativo é testemunhado pelo extermínio da maior parte da população indígena original.<sup>46</sup> Quando não eram exterminados, absorviam a cultura europeia, dando origem a vários grupos considerados neobrasileiros.

Há relatos de que os tupinambás mantinham contato com o interior através de longos peabirus,<sup>47</sup> imensas trilhas como a que sai do Morro da Guia, em Cabo Frio, passa pela Fazenda de Famosos Novos (onde aconteceu intenso comércio de africanos escravizados), e segue até a Serra do Mar, onde nascem rios como o São João (Serra de Santa Anna de Macacu), Aldeia Velha (Serra da Boa

Os sítios que representam o período da ocupação de grupos horticultores ceramistas em Rio das Ostras são os seguintes:

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERRAMAR

O Sítio Serramar está localizado em uma rua residencial com a maioria dos lotes já construídos, no bairro de mesmo nome. Durante a ampliação da fossa de sua casa, em 2002, um morador da rua encontrou uma urna funerária, ainda com os ossos dentro, e notificou a Fundação de Cultura para que pudessem recolher a peça. Os ossos foram descartados pelo pedreiro da obra, e a tampa quebrou durante o processo, mas a urna está conservada e, atualmente, exposta no Museu do Sambaqui. Apesar de não ter sido feito um estudo mais detalhado, os arqueólogos responsáveis por seu salvamento afirmam ser uma urna cerâmica Tupi, com decoração plástica corrugada.<sup>48</sup>

Os antigos proprietários já faleceram e hoje a casa está alugada para outras pessoas, que desconheciam essa história. Mesmo que a peça tenha sido retirada de seu contexto de origem, e que a paisagem do entorno tenha sido transformada, esse é um bom exemplo do que fazer com nosso patrimônio arqueológico, de como manter o nosso passado no presente, seja pela intervenção e responsabilidade do poder público, como também a partir da iniciativa e sensibilidade de cada um de nós.

**Imagem 22:** O casal e urna que foi encontrada em sua propriedade. Foto de Juber de Decco, 1998.



22.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERRAMAR

REGISTRO CNSA: RJ00927

COORDENADAS: -41.97417,-22.530561

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Pré-Colonial

Sítio onde foi encontrado urna funerária com esqueleto, resgatada e transferida para o Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba.

### Material encontrado:

Urna funerária

### Responsável pelo registro / ano:

Ondemar Dias / 2003

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Quintal - árvores e plantas diversas

### Uso:

Residência de aluguel

### Propriedade:

Particular

### Fatores de destruição:

Urbanização da área

### Grau de integridade:

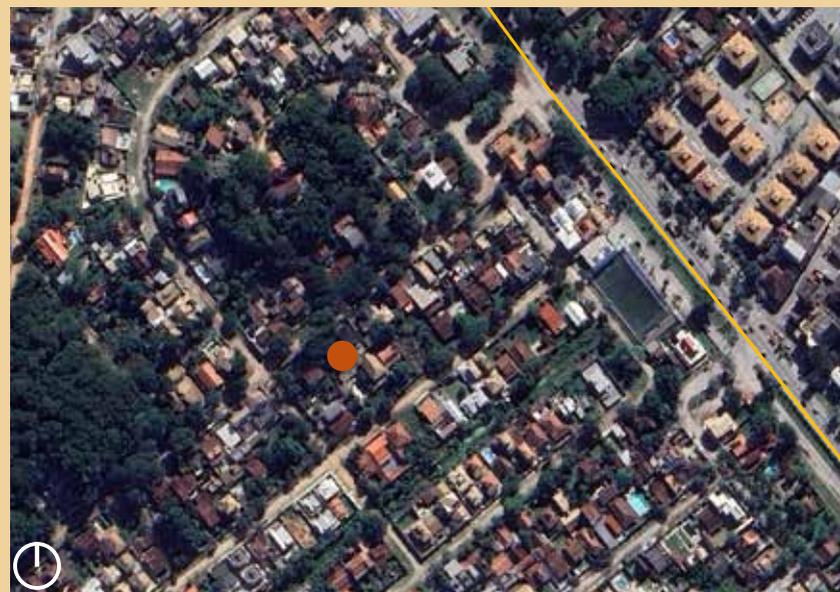
<25% - **MATERIAL RESGATADO, CONTEXTO DESTRUÍDO.**

### Medidas de proteção:

Salvamento do material encontrado



esc: 1:100.000  
● Localização do Sítio  
□ Limite município   □ Hidrografia   □ Vias de acesso



Imagens elaboradas por Rayane Dames   esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SALGADO

Em 1997, devido à retirada de terra do barranco que fica na entrada da Fazenda Sagitário, foi possível encontrar uma tigela de cerâmica, de características tupiguaranis. Posteriormente, no ano de 2002, em uma segunda visita ao local, arqueólogos encontraram duas urnas cerâmicas, provavelmente do mesmo período.

Localizado próximo ao eixo de crescimento da cidade, este também é um sítio que vem sendo destruído. Uma parte significativa do talude onde foram encontradas as peças foi cortado e transportado para servir de aterro em outro local. Esse tipo de movimentação de terra tem sido bastante comum na região, tendo visto o volume de obras. Logo ao lado, uma parte da mesma propriedade está sendo usada para descarte de entulho de obras. É um sítio que merece atenção, pois ainda há possibilidade de serem encontradas peças e de ser feito o devido salvamento.

**Imagem 23:** Urna encontrada durante jornada de prospecção e salvamento. Foto de Juber de Decco, 2001.

**Imagem 24:** Situação atual da área, com partes do morro retirados e talude exposto. Foto de Allexandre Costa, 2024.



23.



24.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SALGADO

REGISTRO CNSA: RJ00928

COORDENADAS: -41.94195,-22.456945

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Pré-Colonial

Sítio pré-histórico localizado na Fazenda Sagitário, registrado em 1999. A cerâmica foi o material cultural coletado.

### Material encontrado:

Tigela e urnas de cerâmica

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Barranco exposto, com partes de grama

### Uso:

Extração de terra e despejo de entulho

### Propriedade:

Privada

### Fatores de destruição:

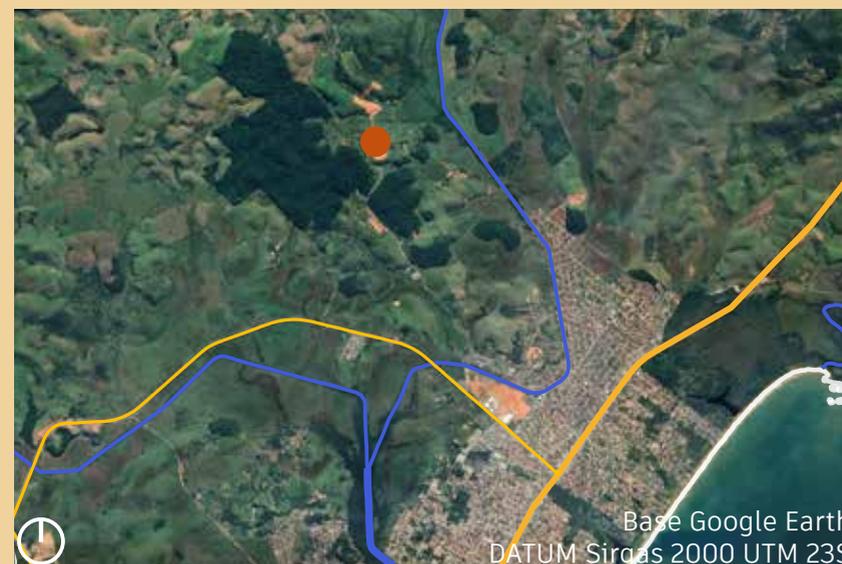
Cortes no terreno, despejo de entulho

### Grau de integridade:

<25% - PEÇAS RESGATADAS, PARCIALMENTE DESTRUÍDO.

### Medidas de proteção:

Salvamento de parte do material encontrado



● Localização do Sítio

esc: 1:100.000

□ Limite município

□ Hidrografia

□ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames

esc: 1:5.000

Ao que tudo indica, o território brasileiro começou a ser explorado pelos portugueses já no ano de 1500, quando aqui aportaram. No ano de 1504, Américo Vespúcio inicia a primeira entrada organizada para o reconhecimento do continente, saindo de Cabo Frio em direção ao rio São João. Como percorre “mais de 40 léguas”, passa pelo rio Leriipe, antigo rio das Ostras, que fica a apenas 13 léguas do ponto de partida, Cabo Frio.

OS COLONIZADORES  
EUROPEUS

(SÉCULOS XVI A XX)

Nesse caminho, a quantidade de pau-brasil chama tanto a atenção dos exploradores que o nome dá origem à nova colônia: Brasil. A madeira desta árvore, de excelente qualidade e usada também como corante, seria o primeiro produto a ser explorado, o que foi feito sistematicamente por quase dois séculos.

A Baía Formosa, como era conhecido o litoral protegido dos ventos e de águas calmas de Rio das Ostras, era a mais propícia para a atracação dos barcos que carregavam o pau-brasil. O litoral norte fluminense passa a ser um local estratégico, pois fica a meio caminho entre o sul da Bahia e a Baía da Guanabara. Por este mesmo motivo, seria procurada não só pelos portugueses, mas também por piratas de diversas nacionalidades.

Ao mesmo tempo que retiravam quase 500 mil árvores de nossa Mata Atlântica, os portugueses iniciaram o cultivo em larga escala da cana-de-açúcar, que serviria como matéria-prima para os grandes engenhos de açúcar a ser exportado para a Europa. Grandes fazendas de criação de gado, para suprir os latifúndios de cana, surgiam na região, e as tropas que levavam o gado para o norte fluminense precisavam atravessar os rios da região, o que fez com que pequenos lugarejos fossem se formando.

O primeiro contato entre portugueses e goitacás na região parece ter sido pacífico, e os grupos chegaram a estabelecer relações de trabalho nos canaviais e um comércio incipiente - e seletivo, pois os indígenas só procuravam pequenas facas e anzóis.<sup>49</sup> Os povos nativos da região, goitacás e tupinambás, juntamente com os que foram trazidos como aldeados, a exemplo dos guarulhos, começaram a ser escravizados e paulatinamente dizimados. Os tupis e os goitacás, grupos inimigos do litoral, chegaram a se unir contra os portugueses, ajudados pelos aimorés da Serra do Mar, também de língua jê.

A paz entre portugueses e goitacás dura pouco. No ano de 1546, após uma segunda e definitiva batalha, os goitacás teriam expulsado os europeus do rio Itabapoana, mais ao norte, e se recusado a aceitar a paz, ou até mesmo novos contatos, tornando-se temidos nesta região, conhecida como “campos dos goytacazes”. Durante os quase 50 anos que se seguiram, suas terras ficaram inacessíveis ao colonizador. Mas no ano de 1594, os portugueses invadiram de vez seu território, fazendo com que os goitacás saíssem do litoral e fugissem para as matas do Baixo Paraíba do Sul, região mais litorânea por onde o rio passa em seu caminho para o Oceano Atlântico.

Devido ao fato de os indígenas não se adaptarem ao trabalho escravo, os portugueses começam a “importar” africanos para trabalharem no Brasil - importam-se produtos e era assim que eram tratados, como produtos. Por vezes famílias inteiras eram arrancadas à força de suas casas e vendidos aqui, após viagens de violência e condições indescritíveis, que chegavam a durar meses, nos “navios negreiros”. Ao chegarem, eram separados e misturados a outras populações com línguas e costumes diferentes.

A revolta não tardou, assim como as fugas. Ao fugirem, refugiavam-se em quilombos localizados nas matas das serras fluminenses. Na localidade de Cantagalo, distrito de Rio das Ostras, ficava o Quilombo dos Três Picos ou Quilombo de Santo Antônio do Ouro, muito visado pelas autoridades do século XVIII e para onde vieram muitos quilombolas provenientes da capital.

Nessa mesma época, piratas franceses, ingleses e holandeses tentaram se estabelecer na região, escondendo-se dos portugueses nas matas e seus barcos no rio Leri (rio das Ostras). Ao perceberem que os indígenas da região não se davam bem com os portugueses, logo trataram de manter um bom relacionamento com eles. Como o rio era de difícil travessia, não era tão utilizado pelas tropas que levavam o gado para Campos e, portanto, a vila se desenvolveu mais devagar, sendo ótimo esconderijo para os piratas.<sup>50</sup>

Entretanto, essa proximidade entre eles e os goitacás foi fundamental para que uma severa epidemia se espalhasse, debilitando os indígenas. As autoridades portuguesas, com ajuda dos jesuítas, acabaram descobrindo o esconderijo dos holandeses e destruindo seu acampamento. Posteriormente, firmando aliança com os tupis, massacraram os já debilitados goitacás.

Diversas outras tentativas de colonização estrangeira aconteceram. E, toda vez que a Coroa enfrentava essa situação, ou que sentia a presença de indígenas arredios ao contato ou inimigos, doava terras a nobres, negociantes abastados e à diversas ordens religiosas, para que os padres criassem aldeamentos que serviriam para evitar a presença de estrangeiros (holandeses, franceses e ingleses), catequizar os indígenas e inserir os “valores europeus” em sua cultura. Além, claro, de mão-de-obra gratuita para os engenhos de açúcar. A estratégia era misturar grupos nativos e trazidos de outros lugares, num processo chamado de “desindianização” por Darcy Ribeiro, pois a perda dos seus próprios valores foi rápida e, na maioria das vezes, fatal.

## o SÉCULO XIX

Ainda que várias fontes cite que os jesuítas foram responsáveis pelas primeiras construções na sesmaria de Rio das Ostras, nunca chegaram a ocupá-la, pois a direção das aldeias de São Pedro e da Fazenda de Sant'Anna, em Macaé, lhes tomava tempo e recursos. Esta última era um grande latifúndio de criação de gado e cultivo de cana-de-açúcar, com alguns engenhos para seu processamento, e se estendia até o rio das Ostras, o que nos leva a supor que a catequização não era o único motivo de estarem na região.

Em 1759, os jesuítas são expulsos do Brasil e suas posses reincorporadas à Coroa Portuguesa. Como as terras haviam voltado para a Coroa sem a instalação de engenhos, igrejas ou outras construções, várias parcelas de terra foram requeridas por moradores, fazendo com que lá surgissem pequenas fazendas neste período.

Essas terras, no século XIX, não passavam de um arraial às margens do rio, para suprir as necessidades dos tropeiros que precisavam atravessá-lo

Até a metade do século XIX não havia grandes construções na região de Rio das Ostras. Nem igrejas, nem cemitérios, nem aterros e pontes, nem, portanto escolas, que na época eram tocadas pelos padres das paróquias locais. As primeiras duas escolas aparecem apenas no Relatório de Província de 1873.

A primeira igreja de Rio das Ostras, que entrou em ruínas na metade do século XX, foi a de Nossa Senhora da Conceição, construída perto de onde está a atual, no centro da cidade, cerca de um século após a expulsão dos jesuítas, fato comprovado pela falta de seu registro nos bens da Companhia de Jesus. O único registro de sua construção é uma citação que diz que:

*(...) a navegação de cabotagem do município também sulca as águas do Rio das Ostras, a cuja margem se encontra povoação próspera na qual, desde 1862, se ergue o templo sob o orago de Nossa Senhora da Conceição.<sup>51</sup>*

Como a exploração do ouro das Minas Gerais entrava em decadência, o Vale do Paraíba, a partir de meados do século XIX, tornou-se solo para a nova atividade econômica: a produção de café. O novo cultivo se espalhou rapidamente por toda a serra fluminense.. baseada na mão de obra dos povos escravizados. Porém, a partir de 1850, uma série de leis proíbe o tráfico de escravos, dificultando e encarecendo a produção açucareira no noroeste do estado, a qual, apesar de tudo, ainda era viável.

Como na serra ainda se produzia café, era necessária infraestrutura para escoá-lo via rios e portos (Paraíba do Sul, São João da Barra e Macaé), o que favoreceu o contínuo desenvolvimento da região. Com a proibição do tráfico, o contrabando se intensifica, e a região, pelas mesmas características que favoreceram o esconderijo de piratas nos séculos anteriores, torna-se novamente muito procurado. Existem muitos relatos de contrabando de pessoas em Rio das Ostras, onde havia casas próprias para o seu desembarque e esconderijo, uma das quais no pé do Morro do Limão, hoje também chamado Morro do Iate.

A partir de 1850 chegam também as estradas de ferro ao país. Uma delas, a Leopoldina, iria ligar a capital ao norte fluminense e ao Espírito Santo, às serras e à Minas Gerais, para o escoamento de café. Um de seus ramais ia de Niterói a Campos, e passava pela Estação de Rocha Leão, construída pelos africanos escravizados e inaugurada em 1887, no distrito homônimo, em Rio das Ostras. Nessa época também foi aberta a pedreira e a Estação de Jundiá, de onde se extraía e transportava material para a construção das linhas de ferro, além da Estação de Califórnia, no povoado de mesmo nome, no distrito de Cantagalo.

Na segunda metade do século, Rio das Ostras começa a ganhar ares de cidade, com a pequena vila de pescadores crescendo ao redor do Largo da Nossa Senhora da Conceição, onde ficava a fonte de água potável que abastecia a população - hoje homenageada com um poço e uma escultura, na praia do Centro. O outro poço para abastecimento ficava no Morro do Limão. Nas margens do rio das Ostras começa a surgir um pequeno comércio, que visava os tropeiros que precisavam aguardar a maré baixar para atravessar o rio.

Rio das Ostras era também conhecida como a “Terra dos Peixes”, devido à atividade pesqueira favorecida pela ressurgência oceânica devida ao afloramento de águas geladas e ricas em nutrientes em Cabo Frio.

## o SÉCULO XX

No decorrer deste século, fatos muito importantes marcam o rápido desenvolvimento do país e da cidade de Rio das Ostras, como: a construção da Rodovia Amaral Peixoto, na década de 40; a expansão turística da Região dos Lagos, entre 1950 e 1960, a criação do distrito de Rio das Ostras, em 1970, que foi anexado ao município de Casimiro de Abreu, e ainda a instalação da Petrobras em Macaé, em 1979. Rio das Ostras viu sua população crescer, até chegar o momento de sua emancipação político-administrativa do município de Casimiro de Abreu, em 10 de abril de 1992.

# SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CASA ROSA E PASTO DO CEMITÉRIO

Localizados na Fazenda Santa Luzia, em área afastada do centro urbano de Rio das Ostras, estão alguns dos sítios mais bem conservados do período colonial. A sede da fazenda, de meados do século XIX, ainda se encontrava em condições de uso durante o registro, em 2002/2003, inclusive com mobiliário, louças, cachimbos e outros objetos antigos. Próximo dali foram encontradas outras estruturas correspondentes às construções que não resistiram ao tempo, bem como materiais construtivos da época.

Não tivemos acesso à propriedade durante as visitas de campo. O antigo administrador da fazenda faleceu em anos recentes e, atualmente é seu filho quem atualmente cuida do imóvel, cujos proprietários não residem na cidade.

**Imagem 25:** Fachada da sede da Fazenda Santa Luzia, um exemplar bem conservado da arquitetura colonial do século XIX.

**Imagem 26:** Interior do casarão da Fazenda. Fotos de Juber de Decco, 2002.



25.



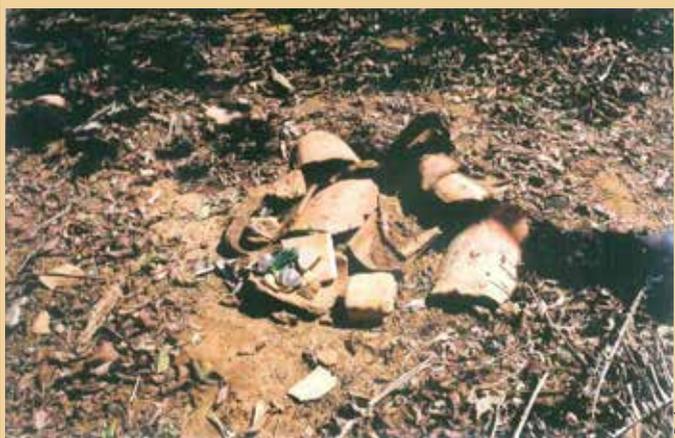
26.

**Imagem 27:** Estrutura de baldrame de pedra encontrado próximo à sede da Fazenda Santa Luzia, no Sítio Casa Rosa.

**Imagem 28:** Pedacos de telha e outros materiais construtivos presentes no Sítio. Fotos de Juber de Decco, 2002.



27.



28.

**Imagem 29:** Estrutura de pedra encontrada no alto de uma colina do sítio Pasto do Cemitério, na Fazenda Santa Luzia. Foto de Juber de Decco, 2002.

**Imagem 30:** Material coletado no sítio Pasto do Cemitério em exposição no Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba. Foto de Alexandre Costa, 2015



29.



30.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA ROSA

**REGISTRO CNSA:** RJ00925

**COORDENADAS:** -41.996947,-22.457783

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Antiga casa sede da Fazenda Santa Luzia, belo exemplar arquitetônico de meados do séc. XIX. Próximo a antiga sede foram observadas evidências de uma antiga construção, constituídas por um muro de arrimo e fundações em pedra. Foram coletados fragmentos de telha com marca, tijolo, vidro e louça.

### Material encontrado:

Tijolo, telha, vidro, louça

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Não pôde ser observado

### Uso:

Fazenda

### Propriedade:

Particular

### Fatores de destruição:

Não pôde ser observado

### Grau de integridade:

>75% (2003) / Não pôde ser observado (2024)

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio



● Localização do Sítio

esc: 1:100.000

▭ Limite município

▭ Hidrografia

▭ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO PASTO DO CEMITÉRIO

**REGISTRO CNSA:** RJ00926

**COORDENADAS:** -41.999729,-22.463895

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Também localizado na Fazenda Santa Luzia, fica no alto de uma colina. As evidências observadas foram um muro de ar-rimo e baldrames de pedra. Foi coletada grande quantidade de material colonial, como fragmentos de telha, tijolo, vidro, louça entre outros.

### Material encontrado:

Baldrame de pedra

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Não pôde ser observado

### Uso:

Fazenda

### Propriedade:

Privada

### Fatores de destruição:

Existência de construção sobre parte do sítio (2003) / Não pôde ser observado (2024)

### Grau de integridade:

25-75% (2003) / Não pôde ser observado (2024)

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio



Localização do Sítio esc: 1:100.000

Limite município Hidrografia Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO JAQUEIRA

Próximo ao distrito de Cantagalo, na zona rural de Rio das Ostras foi inaugurado recentemente um cemitério particular, em local onde havia sido registrado o sítio Jaqueira. O tipo da obra altera significativamente o terreno e, portanto, é pouco provável que existam vestígios de ocupações anteriores.

É de nosso entendimento que deveria ter sido realizada pesquisa arqueológica no local durante a construção do cemitério. Como a mesma não aconteceu, caberia aqui a solicitação de um Termo de Ajustamento de Conduta.

**Imagem 31:** Perspectiva digital do projeto de implantação do Cemitério, retirada do site do Cemitério Bosque dos Ipês, em 2024.

**Imagem 32:** Terreno do sítio sendo alterado durante as obras de construção da capela mortuária. Foto de Juber de Decco, 2023.



31.



32.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO JAQUEIRA

REGISTRO CNSA: RJ00924

COORDENADAS: -41.942222,-22.450556

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Sítio histórico localizado na Fazenda Sagitário, no topo de um morro de fácil acesso. O material cultural observado estava disperso pela superfície, sendo coletados fragmentos de telha, vidro e tijolo.

### Material encontrado:

Louça, vidro, telha, tijolo

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

### SITUAÇÃO ATUAL:

#### Vegetação:

Paisagismo antrópico

#### Uso:

Cemitério

#### Propriedade:

Privada

#### Fatores de destruição:

Movimentação de terra e construção sobre o sítio

#### Grau de integridade:

<25% - **DESTRUÍDO**

#### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio



● Localização do Sítio

esc: 1:100.000

□ Limite município

□ Hidrografia

□ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames

esc: 1:5.000

## SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA DE PEDRA

Registrado no ano de 2003, o sítio se constitui de um baldrame de pedra - possivelmente a fundação de uma casa, onde também se encontravam outros vestígios da construção.

Estivemos na região mas não conseguimos acessar o local exato do sítio, que atualmente está coberto por um bosque cercado e acessível somente por dentro de um condomínio privado. Conversamos com um morador antigo do lugar, Sr. João, e com sua filha, que nos contaram que, antes da construção do condomínio, a trilha de acesso e a casa costumavam ser frequentados por diversas pessoas da vizinhança para passeios e cultos religiosos, e que era comum encontrarem pedaços de telhas e tijolos antigos pelo caminho.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA DE PEDRA

**REGISTRO CNSA:** RJ00923

**COORDENADAS:** -41.964449,-22.52167

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Sítio histórico localizado no Sítio Cantagalo, identificado em 2002. Sob densa vegetação, foi observado o alinhamento de pedra ou baldrame de uma antiga construção, sendo coletados fragmentos de telha e tijolo.

### Material encontrado:

Vestígios de construção

### Responsável pelo registro / ano:

Denise Chamum / 2003

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Bosque denso

### Uso:

Reserva florestal privada

### Propriedade:

Indefnido - acesso restrito

### Fatores de destruição:

Não pôde ser observado

### Grau de integridade:

<25 (2003) / Não pôde ser observado (2024)

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio



Base Google Earth  
DATUM Sirgas 2000 UTM 23S

● Localização do Sítio  
esc: 1:100.000  
▭ Limite município   ▭ Hidrografia   ▭ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS MAR DO NORTE

Os sítios Mar do Norte I, II, III e IV foram registrados em 2014, após a elaboração de um Estudo de Impacto de Vizinhança para a construção de um condomínio que atualmente tem divisas com a propriedade onde se localizam os sítios. Tal estudo indica a presença de vestígios de materiais construtivos do século XIX, identificados a partir de sondagens e, também, através de relatos secundários.

Estivemos no local e não observamos materiais similares aos descritos nos registros. O atual administrador, que está na propriedade desde 2011, não se recorda de ter encontrado nada que parecesse pertencer a ocupações anteriores. Contou também que o antigo administrador, responsável pela área por 42 anos, disse que existiam ali estruturas de ao menos 11 pequenas casas e construções, que nos parecem não existir mais.

**Imagem 33:** Localização do Sítio Mar do Norte I - atualmente um pasto, foi plantação de mandioca em anos recentes.

**Imagem 34:** Localização do sítio Mar do Norte II - um bosque de vegetação secundária pioneira.

**Imagem 35:** Uma estrondosa Jaqueira encontrada próxima à localização do sítio Mar do Norte III - indício de uma possível ocupação anterior.

**Imagem 36:** Localização do sítio Mar do Norte IV, também em área de pasto, com sutil alteração no terreno na coordenada geográfica exata do registro. Fotos de Allexandre Costa, 2024.

33.



34.



35.



36.



# MAR DO NORTE 1

**REGISTRO CNSA:** RJ01177

**COORDENADAS:** -41.851412,-22.423858

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

A identificação deste sítio arqueológico foi realizada a partir da localização de uma área de refugio, onde foi aberta sondagem com grande quantidade de vestígios arqueológicos vinculados ao século XIX.

### Material encontrado:

Refugio

### Responsável pelo registro / ano:

Rafael Borges Deminicis / 2014

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Capoeira (2014) Gramínea (2024)

### Uso:

Área devoluta (2014) / Trecho ocioso de fazenda (2024)

### Propriedade:

Privada

### Fatores de destruição:

Construção de moradias (2014) / Não observado (2024).

### Grau de integridade:

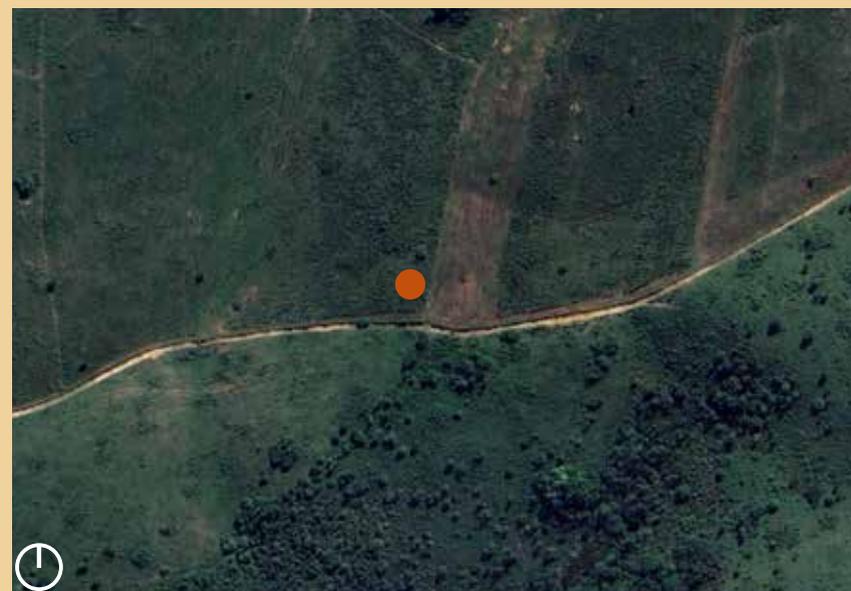
25-75% (2014) / DESTRUÍDO (2024)

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio.



esc: 1:100.000  
● Localização do Sítio  
□ Limite município □ Hidrografia □ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames esc: 1:5.000

# MAR DO NORTE 2

**REGISTRO CNSA:** RJ01177

**COORDENADAS:** -41.851412,-22.423858

## **DESCRIÇÃO DO SÍTIO:**

### **Sítio Histórico**

Uma área de refugio, onde foi aberta sondagem, e coletado material subsuperficial com grande quantidade de vestígios arqueológicos vinculados ao século XIX.

### **Material encontrado:**

Refugio

### **Responsável pelo registro / ano:**

Rafael Borges Deminicis / 2014

## **SITUAÇÃO ATUAL:**

### **Vegetação:**

Capoeira (2014) / Bosque de árvores secundárias (2024)

### **Uso:**

Área devoluta (2014) / Bosque (2024)

### **Propriedade:**

Privada

### **Fatores de destruição:**

Construção de moradias (2014) / Não observado (2024)

### **Grau de integridade:**

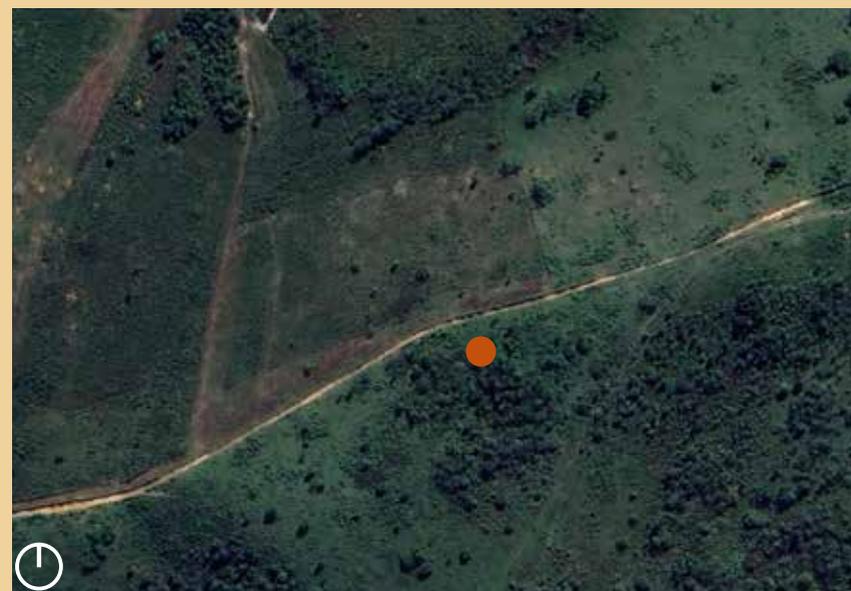
25-75% (2014) - **DESTRUÍDO (2024)**

### **Medidas de proteção:**

Nenhuma além do registro do sítio.



esc: 1:100.000  
● Localização do Sítio  
□ Limite município □ Hidrografia □ Vias de acesso



esc: 1:5.000  
Mapas elaborados por Rayane Dames

# MAR DO NORTE 3

**REGISTRO CNSA:** RJ01177

**COORDENADAS:** -41.851412,-22.423858

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

A identificação deste sítio arqueológico foi realizada a partir da ocorrência de grande quantidade de vestígios arqueológicos em subsuperfície associado ao século XIX.

### Material encontrado:

Refugio

### Responsável pelo registro / ano:

Rafael Borges Deminicis / 2014

### SITUAÇÃO ATUAL:

#### Vegetação:

Capoeira (2014) / Bosque de árvores secundárias (2024)

#### Uso:

Área devoluta (2014) / Bosque (2024)

#### Propriedade:

Privada

#### Fatores de destruição:

Construção de moradias (2014) / Não observado (2024)

#### Grau de integridade:

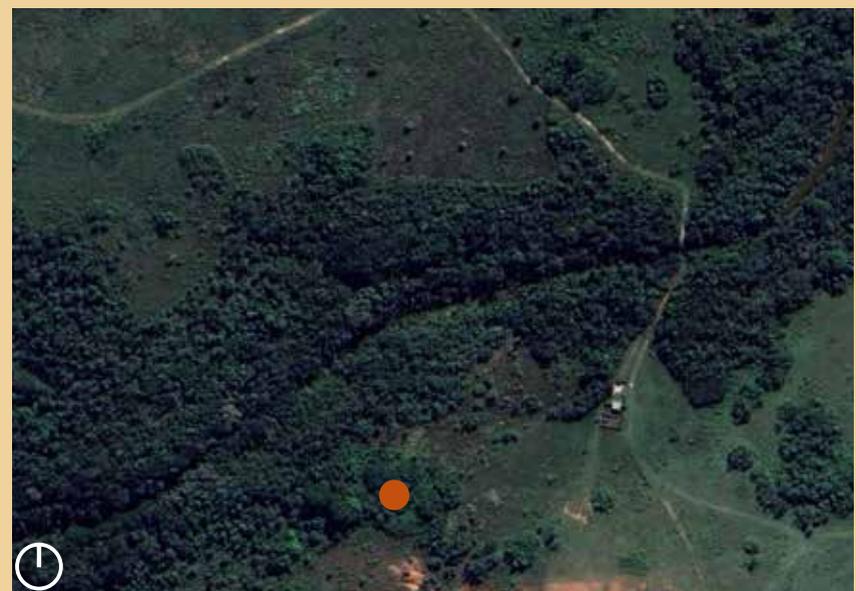
25-75% (2014) - **DESTRUÍDO (2024)**

#### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio.



Base Google Earth  
esc: 1:100.000  
● Localização do Sítio  
□ Limite município □ Hidrografia □ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames  
esc: 1:5.000

# MAR DO NORTE 4

**REGISTRO CNSA:** RJ01177

**COORDENADAS:** -41.851412, -22.423858

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

A identificação deste sítio arqueológico foi realizada a partir da ocorrência de grande quantidade de vestígios arqueológico em subsuperfície associado ao século XIX

### Material encontrado:

Refugio

### Responsável pelo registro / ano:

Rafael Borges Deminicis / 2014

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Capoeira (2014 e 2024)

### Uso:

Área devoluta (2014) / Trecho ocioso de fazenda (2024)

### Propriedade:

Privada

### Fatores de destruição:

Construção de moradias (2014) / Não observado (2024)

### Grau de integridade:

25-75% (2014) - **DESTRUÍDO (2024)**

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio.



esc: 1:100.000

● Localização do Sítio

□ Limite município   □ Hidrografia   □ Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames

esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SUBESTAÇÃO 500 KV LAGOS

O sítio foi cadastrado durante o licenciamento ambiental para construção das Linhas de Transmissão LT 500 kV Terminal Rio-Lagos e da Subestação 500 kV Lagos. Ao que tudo indica, o sítio é composto por uma mescla de vestígios domésticos e de trabalho ferroviário, devido ao local ficar próximo à uma estrutura férrea. Foram encontrados fragmentos de cerâmica, faiança, vidro, grés (um tipo de cerâmica), porcelana e metal.

A cerâmica encontrada no sítio tem, provavelmente, uma procedência artesanal de caráter regional, A técnica de confecção é de acordelamento, ou seja, coloca-se roletes uns sobre os outros, alisa-se com certa pressão, para uni-los e, desta maneira, formar a peça. Há também alguns fragmentos de cerâmica vidrada e um cachimbo.

**Imagem 37:** Vista atual da área do sítio - um equipamento de alta complexidade inserido em área de pasto com paisagem até então pouco alterada.

Foto de Allexandre Costa, 2024.



37.

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO SUBESTAÇÃO 500KV LAGOS

**REGISTRO CNSA:** Não consta

**COORDENADAS:** -41.986864, -22.406381

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Sítio arqueológico de natureza oitocentista e posterior, composto por vestígios domésticos em superfície. Está localizado Área Diretamente Afetada (ADA) da Subestação 500 Kv Lagos. Sua delimitação (93 x 140m) deu-se pela malha ortogonal prevista, bem como condicionantes naturais e antrópicas: terreno alagadiço a leste e oeste e linha férrea desativada a sul.

### Material encontrado:

Grés, faiança, vidro artesanal

### Responsável pelo registro / ano:

### SITUAÇÃO ATUAL:

**Vegetação:** Não pôde ser observado.

### Uso:

Faixa de servidão da Linha de Transmissão de Energia

### Propriedade:

Neenergia Guanabara Transmissão de Energia S.A.

### Fatores de destruição:

Construção da Subestação de Energia

### Grau de integridade:

**Possivelmente destruído.**

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio



Localização do Sítio esc: 1:100.000

Limite município Hidrografia Vias de acesso



Mapas elaborados por Rayane Dames esc: 1:5.000

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO COQUEIRO

A identificação e o registro do sítio tem como contexto o licenciamento ambiental para a obra de duplicação da BR 101 entre os KM 144,3 e 190,3, sob responsabilidade da empresa Autopista Fluminense S/A.

O sítio está localizado na Fazenda Três Marias, km 177 da BR -101. é um sítio histórico, com predominância de material cerâmico e louças, localizado em baixada próxima à áreas alagáveis, com corte de relevo e aterramento nas proximidades tendo a presença de estruturas construtivas com alicerce em rocha.

REGISTRO CNSA: RJ01148

COORDENADAS:

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Sítio histórico com predominância de material cerâmico e louças, localizado em baixada próximo de áreas alagáveis com corte de relevo e aterramento nas proximidades e presença de estruturas construtivas com alicerce em rocha.

### Material encontrado:

Material cerâmico e louças, vestígios de edificações

### Responsável pelo registro / ano:

Zanettini Arqueologia / 2014

## SITUAÇÃO ATUAL:

### Vegetação:

Capoeira (2014) / Não pôde ser observado em 2024

### Uso:

Pasto (2014) / Não pôde ser observado em 2024

### Propriedade:

Área privada (2014) / Não pôde ser observado em 2024

### Fatores de destruição:

Construção de estrada, Atividades agrícolas (2014) / Não pôde ser observado em 2024

### Grau de integridade:

25-75% (2014) / Não pôde ser observado em 2024

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do Sítio

# SÍTIO ARQUEOLÓGICO WAKAMA

O navio cargueiro alemão, lançado em 1921 com o nome Odin, foi um dos primeiros navios construídos na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial. Medindo 112 metros de comprimento, foi vendido em 1925 para a Companhia de Navegação Woermann Linie, que operava serviços da rota oeste da África, e rebatizado de Wakama, nome de uma região da Nigéria. Chegou ao Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1939, onde permaneceu ancorado até a madrugada de 12 de fevereiro de 1940, devido ao bloqueio naval imposto pela Inglaterra e pela França durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao tentar seguir rota, foi interceptado por um navio cruzador britânico. Ao avistarem seus rivais, os próprios alemães teriam atado fogo ao navio para afundá-lo, para que a carga que transportavam (minérios usados na indústria bélica e na confecção de lentes) não caísse em mãos inglesas. Toda a tripulação, composta por 10 oficiais e 36 marinheiros, foi levada para a Inglaterra para interrogatório. Este foi considerado o “primeiro ato de guerra no Brasil, com a violação da zona marítima de neutralidade das Américas”.

O navio ainda está no fundo do oceano, entre 35 e 50 m de profundidade, a 18 milhas de Cabo Frio, cidade que disputa com Rio das Ostras o título de anfitriã do naufrágio. Segundo relato de mergulhadores, muitas das peças da superestrutura, como mastros e chapas, estão caídos sobre o convés, a proa parece estar destruída mas o casco mantém sua estrutura de canoa.<sup>52</sup>

**Imagem 38:** Manchete sobre o naufrágio na edição nº 4226 da edição das 11 horas do jornal O Globo, de 13/02/1940.

**Imagem 39:** Manchete sobre o naufrágio na edição final nº 1826 do dia 13/02/1940 do Jornal O Globo.

Fonte: Arquivo da agência O Globo, retirada do livro O Mistério do Wakama.

38.



39.



# SÍTIO ARQUEOLÓGICO WAKAMA

**REGISTRO CNSA:** Não consta

**COORDENADAS:** 22° 35' 00.0"S, 41° 39' 00.0"W

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO:

### Sítio Histórico

Navio cargueiro alemão afundado na 2a Guerra Mundial por cruzadores ingleses.

### Material encontrado:

Navio naufragado

### Responsável pelo registro / ano:

Não identificado

### SITUAÇÃO ATUAL:

**Vegetação:** Não se aplica

### Uso:

Não se aplica - Oceano Atlântico.

### Propriedade:

Marinha - união

### Fatores de destruição:

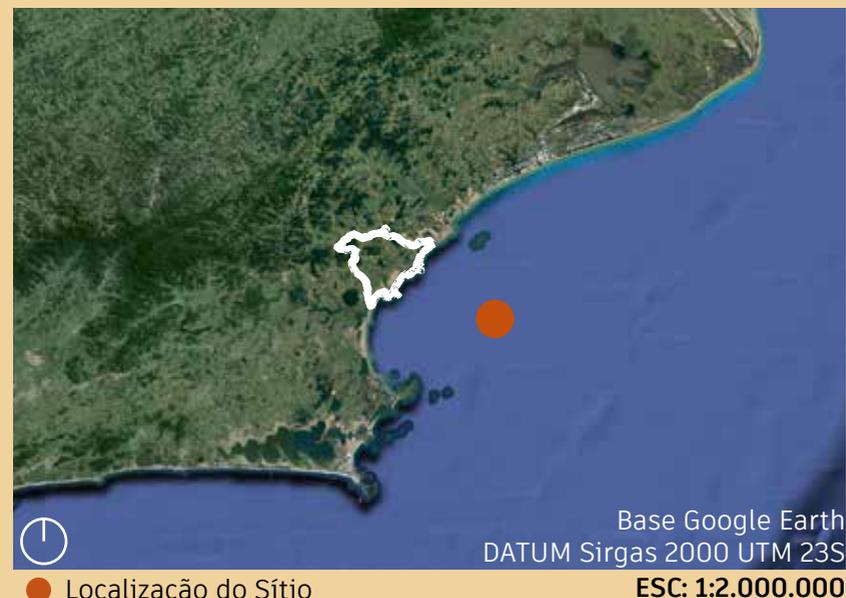
Cobertura por corais e corrosão marinha.

### Grau de integridade:

Não pôde ser observado.

### Medidas de proteção:

Nenhuma além do registro do sítio.



● Localização do Sítio

□ Limite município



Mapas elaborados por Rayane Dames

ESC: 1:500.000



TEM MAIS POR AÍ



41.



42.



43.



44.

**Imagem 40:** (Página anterior): Sino possivelmente centenário, da Igreja de Califórnia, distrito de Cantagalo.

**Imagens 41 e 42:** Pedreira Jundiã.

**Imagem 43:** Antiga escola de Califórnia, distrito de Cantagalo.

**Imagem 44:** Igreja de Canifórnia, distrito de Cantagalo.

**Imagem 45:** Estação Ferroviária de Jundiã.

**Imagem 46:** Trilhos da malha ferroviária em Cantagalo.

**Imagem 47:** Plataforma da antiga Estação Ferroviária Califórnia

**Imagem 48:** Casa de Farinha, distrito de Cantagalo.

Fotos de Allexandre Costa, 2024.



45.



46.



47.



48.

# CAPÍTULO 3

IMPORTÂNCIA DA  
PRESERVAÇÃO DA  
REGIÃO

A zona costeira de Rio das Ostras vem sofrendo um processo acelerado de urbanização e intensa degradação dos recursos naturais, ameaçando a sustentabilidade econômica, ambiental e cultural de sua população. As variações do nível do mar apontam para uma gradual elevação, sendo inevitável a destruição de grande parte das construções mais próximas ao mar ao longo dos próximos anos, fato acelerado pela retirada da vegetação de praia e da restinga, responsáveis em grande parte pela contenção da destruição causada pelas ondas e marés.

Os vestígios arqueológicos encontrados nessa faixa costeira - importantes para os estudos de mudanças climáticas e variação do nível do mar - encontram-se, conseqüentemente, sob risco de silenciamento e apagamento de sua história. Muitos dos sítios históricos são os vestígios únicos da escravidão de indígenas e povos africanos que ergueram, à força, essa região, com seu trabalho na mineração do ouro que enriqueceu a Corte Portuguesa; no cultivo da cana-de-açúcar e do café, que enriqueceu os grandes barões; na pecuária, que continua a enriquecer os grandes latifundiários, ou mesmo na construção das pontes, estradas de ferro e estradas que tornaram o desenvolvimento possível.

O patrimônio arqueológico brasileiro é protegido pela legislação nacional, para que sejam salvados, em casos de licenciamentos ambientais, ou pesquisados mais sistematicamente, em projetos científicos. Os sítios arqueológicos são Patrimônio da União e sua proteção é estendida mesmo àqueles ainda desconhecidos.

Abaixo são citadas as leis que prezam, direta ou indiretamente, por nosso patrimônio cultural arqueológico.

- **Decreto-Lei 25, de 30 de novembro de 1937**, que “Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”;

- **Lei Federal nº 3.924, de 26 de julho de 1961**, que “Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos”, sítios arqueológicos são bens da união, protegidos por lei, sendo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o órgão responsável por sua proteção;

- **Decreto 80.978, de 12 de dezembro de 1977**, que “Promulga a Convenção relativa à proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972”;

- **Resolução CONAMA 01, de 23 de janeiro de 1986**, que “Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental” e prevê o levantamento arqueológico prévio a empreendimentos geradores desses impactos;

- **Constituição Federal de 1988**, em seu Capítulo II, dispõe sobre a proteção aos sítios arqueológicos, e o papel do poder público, com a colaboração da comunidade, na promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. Seu Art. 2.016A institui o Sistema Nacional de Cultura;

- **Portaria SPHAN 007, de 1 de dezembro de 1988**, que trata do ato de outorga para executar um projeto que afete direta ou indiretamente um sítio arqueológico;

- **Lei Nº 9605, de 30 de março de 1998**, dispõe, Seção IV, sobre os crimes contra o patrimônio cultural;

- **Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000**, que “Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio e dá outras providências”;

- **Portaria 230, de 17 de dezembro de 2002**, que compatibiliza as fases das licenças ambientais com os estudos preventivos de arqueologia, objetivando o licenciamento de empreendimentos potencialmente capazes de afetar o patrimônio arqueológico;

- **Instrução Normativa 1, de 25 de novembro de 2003**, que “Dispõe sobre a acessibilidade aos bens culturais imóveis acautelados em nível federal, e outras categorias, conforme específica”;

- **Portaria IPHAN 28, de 31 de janeiro de 2003**, que dispõe sobre o Licenciamento para regularização de operação (LOR);

- **Portaria IPHAN 299, de 6 de julho de 2004**, que cria o Plano de Preservação de Sítio Histórico Urbano – PPSH;

- **Portaria IPHAN 127, de 30 de abril de 2009**, que “Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira”;

- **Portaria Interministerial 60, de 24 de março de 2015**, que “Estabelece procedimentos administrativos que disciplinam a atuação dos órgãos e entidades da administração pública federal em processos de licenciamento ambiental de competência do IBAMA”;

- **Decreto 8.437, de 22 de abril de 2015**, que “Estabelece as tipologias de empreendimentos e atividades cujo licenciamento ambiental será de competência da União”;

- **Instrução Normativa IPHAN 01, de 25 de março de 2015**, que “Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe” e

- **Lei 14.835, de 4 de abril de 2024**, que sanciona o marco regulatório do Sistema Nacional de Cultura, consolidando a estrutura necessária para a efetiva construção de políticas públicas voltadas à cultura no Brasil, reforçando o compromisso com o fomento, a valorização da diversidade e a defesa dos direitos culturais.

# CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO

A referência mais antiga feita aos sambaquis brasileiros é de José de Anchieta, em 1549, que menciona as “ilhas de cascas” das quais se fazia uma cal tão boa quanto aquela obtida a partir de pedra calcária.<sup>53</sup> Portanto, desde o início da colonização o registro de nossos ancestrais é apagado pela mão colonizadora. Nos séculos seguintes, diversos naturalistas e viajantes mencionaram os sambaquis em seus relatos. No entanto, apenas a partir do século XIX é que se iniciaram estudos sistemáticos nesses sítios.

O passado pescador de Rio das Ostras é pré-histórico. Estudos zooarqueológicos mais recentes vêm sugerindo que esses povos seriam predominantemente pescadores e que a coleta de moluscos teria sido uma atividade secundária em termos de subsistência, sendo mais importante para a construção desses sítios.<sup>54</sup>

Poucos quilômetros separam os sambaquis cadastrados na cidade, e com certeza havia outros sítios, dadas as estatísticas de densidade de ocupação. Entretanto, a maioria já foi destruída ou descaracterizada pela ação antrópica. Como nos indicam as fichas do Sítios Arqueológicos apresentadas em capítulo anterior, estamos perdendo uma fonte inestimável de pesquisa, não só sobre nossos ancestrais, mas também sobre a paisagem e o clima daquela época, dados tão importantes em um momento onde se discute tanto as mudanças climáticas. Como diz Maria Cristina Tenório, que foi uma das maiores pesquisadoras sobre os sambaquis brasileiros: “cada sambaqui é um baú de respostas ambientais”.

Os sambaquis são nossos monumentos. Segundo Ondemar Dias, “enquanto os seres humanos estavam construindo as pirâmides no Egito, estávamos construindo os sambaquis”. Ao descrever a pesquisa realizada no Sambaqui da Tarioba, em Rio das Ostras, esse arqueólogo disse que ao longo do processo de escavação a equipe percebeu que se estabelecia um vínculo entre a comunidade e os remanescentes ósseos dos antigos habitantes de nossa costa, quem sabe pela identidade cultural e étnica que se criava.

A simples identificação popular na época foi suficiente para se tomar a decisão de preservar o sítio arqueológico como fonte de pesquisa e educação. Foi o início do movimento de conscientização coletiva que, segundo Tânia Andrade Lima, “induz à valorização da sua história local, do seu patrimônio cultural e, por conseguinte, sua proteção e revitalização”.<sup>55</sup>

Não raro encontramos moradores que nunca estiveram no Museu do Sambaqui da Tarioba. Gostaríamos de deixar uma pergunta para reflexão: o que acontece com o passar do tempo, que faz com que as comunidades percam esse vínculo? Muito ainda há a se pesquisar. Muitos sítios arqueológicos já descobertos aguardando sua vez de serem estudados e muitos ainda a serem descobertos. Vamos permitir que sejam destruídos?

Deixamos também um convite: o Museu do Sambaqui da Tarioba está aberto, você já o visitou? Fica a dica: vale a pena!

**E aí? Vamos conhecer para preservar?**



49.



52.

# AGRADECEMOS

A QUEM NOS DEU A HONRA  
DE SEREM OUVIDOS



50.



53.



51.



54.

**Imagem 49:** Dona José (Gôda).  
**Imagem 50:** Sr. Tenda, Dona Elie-  
te e família.  
**Imagem 51:** Valmir e Nilza.  
**Imagem 52:** Sr. Adilson e Nilcea.  
**Imagem 53:** Sr. João.  
**Imagem 54:** Ary.  
Fotos de Allexandre Costa, 2024.



Da esquerda pra direita:  
Patrícia Depiné, Juber de Decco, Rayane Dames e Allexandre Costa  
Rio das Ostras, 11/04/2024

# NOTAS

7. O vento que sopra na superfície do mar, próximo à costa, provoca uma corrente que carrega a água em direção ao oceano. Esse “espaço vazio” é preenchido por uma corrente fria vinda do fundo, cheia de nutrientes. Ressurgência, portanto, é essa subida das águas subsuperficiais.

10. Do Tupi: tamba significa monte, e ki, concha

14. Tarioba (*Iphigenia brasiliensis*) é uma palavra tupi-guarani que significa “concha em forma de folha” e que define um molusco da família Donacidae, que ocorre em toda a costa brasileira.

25. Muito provavelmente, ao se separarem, em vários pontos dessa grande rota migratória, foram formando diferentes grupos dentro da Tradição Una, o que chamamos de Fases Arqueológicas.

26. Subdivisão das Tradições Arqueológicas, onde estão grupos “aparentados”, com cultura material semelhante.

30. Datação encontrada para o sítio arqueológico Aldeia Grande do Una, uma aldeia Goitacá, localizada no município de Cabo Frio, a menos de dois quilômetros de distância do limite intermunicipal, região de fronteira étnica histórica entre os tupinambá do litoral e os ceramistas da Tradição Una. Este sítio foi o mais intensamente estudado da área de pesquisa e seu nome acabou por dar nome também à Tradição Una.

40. Uma decoração corrugada é feita quando os roletes de barro são colocados uns sobre os outros e depois unidos por pressão, na peça ainda úmida. A escovada era feita passando um material com pontas múltiplas, como gravetos ou palha de milho, por exemplo, na superfície ainda úmida do vasilhame, para deixar sulcos bem visíveis. Já a ungulada era feita com incisões feitas com as unhas.

43. Bebida alcoólica produzida a partir da fermentação da mandioca.

47. Segundo Neme & Beltrão (1993), é uma palavra Tupi que significa “caminho que se percorre”. Para outros pesquisadores, no entanto, era um termo espanhol do século XVI que significava “pé-a-biru” ou seja “caminho ao Peru”, onde estariam as ricas cidades prometidas de Eldorado ou Paititi, localizadas no interior da Amazônia. No século XVI, os guaranis ainda utilizavam essas rotas para guiar os portugueses e espanhóis ao Peru e Bolívia (Galdino, 1984). Nesse momento havia a ambição de se chegar ao Eldorado ou Paititi, localizados no interior da Amazônia e eram consideradas cidades de muita riqueza, principalmente de ouro e prata.

# REFERÊNCIAS

1. IBGE/DTB. Divisão Territorial Brasileira 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-divisao-territorial-brasileira.html>. Acesso em: 30 de julho de 2024.

2. MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS. Resgatar e preservar: línguas indígenas são repositórios de saberes ancestrais. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/08/resgatar-e-preservar-linguas-indigenas-sao-repositorios-de-saberes-ancestrais>. Acesso em: 04 set. 2024

3. NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado: vida acadêmica na Arqueologia Tupi. In: PROUS, A.; ANDRADE LIMA, T. (eds.). Os Ceramistas Tupiguarani. Volume I. Sínteses Regionais. 2 ed. Belo Horizonte: Graphar, 2017, v. 1, p. 9-38.

4. SILVEIRA, Tamires Batista. Influência do tupi na língua portuguesa falada no Brasil. In: Blog do Espaço do Conhecimento. UFMG: 07 mai. 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/influencia-do-tupi/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

5. SEDA, Paulo. Espaço e tempo nas sociedades primitivas: as tradições Una e Tupiguarani no Rio de Janeiro pré-colonial. In: PEREIRA, S. D.; FREITAS, J. G.; BERGAMASCHI, S.; RODRIGUES, M. A. C. (eds.). Formação e ocupação de litorais nas margens do Atlântico – Brasil/Portugal. Rio de Janeiro: Corbã, 2014, cap. VII, p. 113-130.

9. GASPAR, Maria Dulce; BUARQUE, Angela; CORDEIRO, Jeanne; ESCÔRCIO, Eliana. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 17, p. 169-189, 2007.

11. DIAS, Ondemar; PANACHUK, Lilian. Características da Tradição Tupiguarani no sudeste do Brasil. In: PROUS, A.; ANDRADE LIMA, T. (eds.). Os Ceramistas Tupiguarani. Volume I. Sínteses Regionais. 2 ed. Belo Horizonte: Graphar, 2017, v. 1, p. 79-104.

12. GUIMARÃES, Márcia Barbosa. Mudança e colapso no Litoral Fluminense: os sambaquieiros e os outros no Complexo Lagunar de Saquarema, RJ. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 21, p. 71-91, 2011.

13. DIAS JR., Ondemar. O Sambaqui da Tarioba. In: DIAS JR., O.; DECCO, J. B.; FRÔES, M. M. (orgs.). A pré-história de Rio das Ostras: sítio arqueológico Sambaqui da Tarioba. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura/Inside, p. 37-50, 2001.

15. TRINDADE, D.C. Arqueologia e memória: o caso da musealização do Sambaqui da Tarioba. 3a ed. Coleção Rio das Ostras Literatura e Memória. Rio das Ostras: Gráfica Iriri, 2004.

16. MACHADO, Lilia Cheuiche; SENE, Glaucia A. Malerba. Simbolismo, identidade cultural e análise biológica: os remanescentes esqueléticos humanos no Sambaqui da Tarioba. In: DIAS JR., O.; DECCO, J. B.; FRÔES, M. M. (orgs.). A pré-história de Rio das Ostras: sítio arqueológico Sambaqui da Tarioba. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura/Inside, p. 51-80, 2001.

17. MENEZES, Rosângela. Os instrumentos líticos do Sambaqui da Tarioba, RJ. In: DIAS JR., O.; DECCO, J. B.; FRÓES, M. M. (orgs.). A pré-história de Rio das Ostras: sítio arqueológico Sambaqui da Tarioba. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura/Inside, p. 81-87, 2001.
18. DECCO, Juber de, comunicação pessoal, 10 de abril de 2024.
19. DECCO, Juber Brandão de, mensagem enviada pelo Whatsapp à autora, 03 de setembro de 2024.
20. SEDA, Paulo. Espaço e tempo nas sociedades primitivas: as tradições Una e Tupiguarani no Rio de Janeiro pré-colonial. In: PEREIRA, S. D.; FREITAS, J. G.; BERGAMASCHI, S.; RODRIGUES, M. A. C. (eds.). Formação e ocupação de litorais nas margens do Atlântico – Brasil/Portugal. Rio de Janeiro: Corbã, 2014, cap. VII, p. 113-130.
21. NOELLI, Francisco Silva, op. cit., p. 18.
22. SEDA, Paulo. Ibid., p. 114.
23. DIAS, Ondemar; PANACHUK, Lilian., op. cit., p. 89.
24. Ibidem, p. 89.
27. MACHADO, Lilia Cheuiche. Tafonomia humana: alguns problemas e interpretações em arqueologia funerária. Bol. IAB, Rio de Janeiro, n. 12, p. 82-92, 2006.
28. CORDEIRO, Jeanne. A primeira face da tradição: os goitacá. Da história e identidade dos que não deitaram letras. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2004. 103 pp.
29. CORDEIRO, Jeanne. Nem cães, nem lobos: os guerreiros Goitacá. Pilares da História, Duque de Caxias, ano III, n. 5, p. 55-68, maio 2005.
31. DIAS JR., Ondemar; CARVALHO, Eliana. A pré-história da serra fluminense e a utilização das grutas no estado do Rio de Janeiro. Pesquisas, São Leopoldo, n. 31, p. 43-86, 1980.
32. FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia. Os aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, p. 20, 1997.
33. FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia. *ibid.*, p. 22.
34. SEDA, Paulo. op. cit., p. 114.
35. OLIVEIRA, Tatiana Gonçalves; COSTA, Henrique Antônio Valadares. Os puri no sul do Espírito Santo: ocupação, territorialização e trabalho compulsório. *Habitus*, Goiânia, v. 17, n.2, p. 462-475, jul./dez. 2019.
36. SEDA, Paulo. op. cit., p. 114.
37. DIAS, Ondemar; PANACHUK, Lilian. op. cit., 1 p. 80.
38. DIAS, Ondemar. Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, v. 3-4, p. 110-130, 1976/77.
39. DIAS, Ondemar; PANACHUK, Lilian, *ibidem*.
41. SEDA, Paulo. op. cit., p. 115.

42. BUARQUE, Angela. A cultura tupinambá no estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, C. Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, p. 306-320, 1999.

44. ALTAMIRANO, Alfredo José. A pré-história da Região dos Lagos. Cabo Frio: Centro Brasileiro de Arqueologia, 2009, p. 142.

45. CORDEIRO, Jeanne. A primeira face da tradição: os goitacá. Da história e identidade dos que não deitaram letras. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2004. 103 pp.

46. MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. A Pré-História Fluminense. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e Secretaria Estadual de Educação e Cultura Brasileira, 1981.

48. DECCO, Juber Brandão de, mensagem enviada pelo Whatsapp à autora, 03 de setembro de 2024.

49. THEVET, Andre. Les singularités de la France Antarctique, autrement nommée Amérique, & de plusieurs terres et isles découvertes de notre temps. Paris:1557.

50. LIMA, Maria da Glória D'Almeida. Pérola entre o rio e o mar: História de Rio das Ostras. 3 ed. Rio das Ostras: FROC, 1998, p. 28

51. DORIA, Luís Gastão d'Escragnolle, Terra Fluminense, Rio de Janeiro, 1929, p. 20.

52. RIBEIRO, Rômulo Sérgio Vieira. O mistério do Wakama. Rio das Ostras: FROC, p. 9-13, 2005.

53. LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. Revista USP, n. 44, p. 270-327. São Paulo: USP, 1999.

54. Ibidem.

55. A PRÉ-HISTÓRIA NO BRASIL E OS SAMBAQUIS. Expedições, Brasília: TV Brasil. 06 jun 2016.



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO